

Oferta
-0. NOV. 1998



VIDA MUNDIAL

ANO IV - N.º 193
25 DE JANEIRO DE 1945
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

AS CRIANÇAS CRESCIDAS, COMO ESTA LISBOETA, TAMBÉM
GOSTAM DE BRINQUEDOS GRANDES...

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

NÊSTE NÚMERO



Sete raparigas e sete saxofones
— eis uma revelação que nos
envia Almada!

(Ver reportagem na pág. 9)



O que pensa a respeito das virtu-
des e defeitos de Amália Rodrí-
gues?

(Ler resposta na pág. 4)



Nas margens do rio Hudson, as
raparigas americanas têm a sua
escola de trabalho.

(Ver páginas centrais)

Lamentável injustiça

Os frequentes desastres sucedidos, às crianças, nos campos, raramente deixam de ser noticiados nos jornais sob o título de «imprevidência das mães». Injustiça clamorosa esta, mas que tem desculpa. A maioria dos jornalistas cidadãos, vivendo muito afastada do ambiente popular agrário, das exigências de rudes tarefas, ali impostas ao sexo feminino, não pode avaliar os factos com recto juízo.

A camponesa, bem que pese aos que superficialmente a observam, através do bucolismo risonho das feiras e romarias, é escrava de penosos deveres. Desde mocinha, é a «forçada», sujeita a trabalhos aspérrimos, sem que o sacrifício lhe acarrie as graças de quem quer que seja, ou desperte as atenções dos que escrevem.

Lamenta-se o mineiro, o fogueiro, o cavador, todos os homens submetidos a fatigantes labores. Poucos descem olhos e observação exacta, ou são sensíveis aos sofrimentos das mulheres que, afrontando violentos encargos, ainda têm de arrotar com a brutalidade e o desprezo de pais, irmãos, maridos e filhos, para os quais elas são entes inferiores, indignos de respeito e de consideração.

Ninguém profunda as suas dores, procura averiguar se são justas ou injustas as culpas que lhes atribuem, as sentenças que as condenam. Como ninguém se preocupa com o drama pungentíssimo que constitui a vida inteira da mulher camponesa.

Se analisássemos, à claridade de lúcido raciocínio, a «imprevidência» de que a acusam, verificaríamos como, em regra, é infundada tal acusação.

As pobres mulheres, embrenhadas em inúmeras obrigações domésticas e agrícolas, continuamente são forçadas a deixar em casa os pequerruchos sózinhos, ou entregues aos irmãos, de pouco mais idade, quasi, tão inconsciente do perigo o vigilante como o vigiado. Na lareira tem de manter-se o fogo para os meninos não regelarem e os potes conservar em água quente, feijão, batatas a cozer, ou os caldos, já em estado de, com ligeiro dispêndio de tempo, poderem ser servidos aos irmãos. Estes dispõem de mão lesta para o castigo, palavra pronta ao insulto e dose mínima de paciência.

A desobediência, natural nas crianças, que só educação assídua às vezes domina, explica a precária influência das mais prudentes recomendações das mães. A volubilidade, o dinamismo que as trazem em movimento incessante, a curiosidade viva que as impelle a correrem os maiores riscos, e as atrai a sérios perigos, ninguém pode evitá-las, nem com fiscalização permanente. Só acorrentando-as com cadeias, ou encerrando-as em recinto sem janelas nem postigos e com paredes almofadadas, isoladas de qualquer convívio, se limitaria a turbulência, se atenuaria o mal...

A mulher no campo é, em geral, a primeira que se levanta, para preparar as refeições dos seus homens e dos animais domésticos. Se nem sempre acompanha os varões nas fainas agrícolas, nem por isso fica em casa inactiva. Tem de ir ao mato para acarrar a lenha; buscar a água à fonte; ao rio ou às prêsas lavar a roupa; levar as refeições aos homens; arranjar comestíveis; fazer compras.

Succede, muitas vezes, quando o tempo o permite, apesar de caminhar sob o péso esmagador de carretos — vemos a mãe conduzir a petizada com ela, no recio de desgraças. O mais pequenino ao colo, um cacho dos mais crescidos dependurado das saias.

Mas estarão lá ao abrigo de inconvenientes graves? Nos campos é possível, desde que os olhos e os braços da mãe estão prisioneiros doultras fadigas, evitar que as crianças bebam água dos charcos, engulam terra conspurcada, se firmem e infectem, sejam mordidos por animais, caiam em poços, escancarados por tóda a parte, rotem pelas ribanceiras, em busca duma florita que lhes sorrí, ou duma pedra que brilha, no fundo dum abismo?

À operária, mais amparada por «creches», «ninhos» de pequenitos, vai-se facultando, nos grandes centros civilizados e caridosos, algum alívio, por lhes ser possível tratar dos seus afazeres, dos seus trabalhos árduos, despreocupadas de cautelas e angústias.

Mas, nos campos, onde existe sequer um organismo piedoso, capaz de conceder uma casa a algumas velhinhas pacientes que, bem dirigidas

(Continua na página 16)

Hoje, quinta-feira, há leilão...

..E a bandeira, pendida, vermelha e gritante, lá está à porta, como um chamariz. Há qualquer coisa de confrangedor naquele pedaço de trapa, que o vento agita. E o recheio duma casa que se dispersa, por aí, levando ainda morno o sonho, a felicidade dum lar. As portas escancararam-se. Alcovas e salas, pequenos recantos tão íntimos, são agora devassados pelo olhar profano da turba. Entra tudo — e de chapéu na cabeça. Já não há dono — há almoeira, praça, dinheiro, capricho.

Vêm os comerciantes, os antiquários, os coleccionadores — e os «snobs», que vão ao leilão como vão ao hipódromo, ao concerto, à exposição.

Remexem tudo. Levantam-se as carpetes, os quadros, as boas mobílias douradas; agitam-se os cristais; mostram-se de mão em mão, as pratas, as porcelanas, Sèvres e Índia, China e Japão, ouro dourado onde refulgem mandarins e gheisais delicadas. Em cima dum banco, no ângulo da sala, o pregoeiro vai gritando: «Dois contos e quinhentos! Dois contos e oitocentos! Dois contos e...»

Os seus olhos correm aquele mar de cabeças. Calmo e sereno, ao seu lado, de bloco na mão, o agente assenta os lotes.

— Já viam bem, meus senhores? Está barato! É Companhia das Índias brazonado esse rico prato!

E novamente gira de mão em mão. Nctam-se os defeitos. Burgueses que nada percebem arripiam-se por aqueles três contos, dados por um horrível prato, sujo, rachado, que até enoja comer-se por ele — e, mentalmente, vão pensando que o serviço de jantar, tão lindo, que têm no apaparid fóra mais barato — e era Sacavém puro!

Duas raparigas alegres, sentadas nos «maples», discutem o filme da semana passada — e o namorado da «Juju», que não tem planta nenhuma. De umbral da porta, meio de esguelha, um rapazote macilento, com muita atenção dissimulada, segue ansiosamente a garrulice daquelas estouvadas.

Um sujeito gordo, de grande cabeleira, pergunta, interessado, se o cadeirão D. João V «não vai hoje à praça». O pregoeiro consulta o agente — e dizem-lhe que sim. Então

o homem parece que fica um pouco aliviado — e começa a furar, com os vagares de gordo, tóda aquela fila de gente. Um cavalheiro pequenino e mirrado, carinha de velho, com umas farripas de cabelo, arrematou por dez contos um relógio de sala, inglês, que dava horas por música.

Vieram dar-lhe os parabéns. Ele sorriu — e disse, modestamente, que era para oferecer à sobrinha, que só tinha cinco anos...

Há mais lotes na praça. O pregoeiro não descansa, parece que tem pressa de evasziar a casa. Três cadeiras partidas, pelas quais um inocente ferro-velho chegou a oferecer cem escudos — arremataram-nas por oitocentos. E o homem, zangado, disse para os lados que aquilo era bom só para lenha. Meia dúzia de cálices de cristal e a competente garrafa quasi atingiram um conto de réis. Isto desapontou um carvoeiro que ia ali, enfarpelado, mas com as mãos ainda negras, convencido de que arranjava um sortido de copos lá para a loja...

Agora o leilão animou-se. É um quadro.

— Cópia de Rubens! Uma autêntica cópia!

As duas estouvadas e elegantes cinefilas deitaram as cabeleiras louras por cima da turba, e espreitaram, curiosas.

— Não gosto! Este — como se chama? — pintor só pinta santos! Se tu visses o «pastel» que fez o Quincas quando estivemos em Colares...

«Be quiete!» — disse a outra, que viu olhar de reprimenda que um careca conselheiro lhe dirigiu.

Os lances cruzam-se. Discute-se. Já está em trinta contos.

Por fim é vendido a uma senhora, modesta, sem jóias, que teve cinquenta contos para comprar um quadro.

O leilão prossegue. Continua a vender-se.

E o pregoeiro anuncia que amanhã, à mesma hora, se procederá ao restante.

Sal tóda a gente. A casa vai ficar ao abandono.

Que dirão, depois do silêncio, os velhos jarrões, com 400 anos, e que desde o Oriente têm corrido mundo, geração sobre geração?

QUINTA-FEIRA, 11, das 15 às 15,10, que foi fazer?...

AO BORRATÉM



A MOURARIA



A RUA FERNANDES DA FONSECA



Hoje, fomos a um bairro popular — ali, à Mouraria, possámos pela rua Fernandes da Fonseca e pelo Poço do Borratém. Aquêles que aqui foram assinalados poderão passar pela nossa redacção na próxima segunda-feira, das 10 às 12,30 e das 14 às 18 horas, onde, mediante a apresentação do presente número, lhes serão entregues as respectivas credenciais — as credenciais que, apresentadas durante esta semana, na bilheteira de um dos melhores cinemas de Lisboa, lhes darão o direito de assistir a um dos melhores filmes da semana. Cada uma das pessoas aqui assinaladas terá direito a receber dois ingressos cinematográficos.

Lisboa anda a noivar!

neve surpreendeu os lisboetas — e deu-lhes um formoso espectáculo de cor e beleza. Árvores e caminhos, recantos e ruelas humildes cobriram-se de neve, e, como na Beira, de certos telhados os pingos brancos formavam cordões gelados.

Aqui estão telhados de Campolide onde a neve pôs a sua brancura, que entenece os poetas — e horroriza os pobrezinhos, nesta festa da natureza em que Lisboa anda a noivar!



1) O Jardim da Estrêla não esteve nada convidativo para os namorados. A neve cobriu os bancos — e se não têm o lefreiro «pintado de fresco», é porque não devem estar «frescos» mas «geladinhos» — e os corações quentes arrefecem ali...

2) Na auto-estrada, a paisagem tem, por vezes, aspectos curiosos. Dir-se-ia um «esquimó» fugido de outras paragens e que veio civilizar-se pelas longas estradas da Europa, este boneco moldado pela mão do homem.

3) Um quintal burguês nas Amoreiras. As couves, a cheirosa hortelã, os nabos, tudo se submergiu com a camada branca da neve. O géllo requemou as hortaliças — e, amanhã, os que postaram de ver o espectáculo, deitam as mãos ao estômago, porque a hortaliça está por um diñheirão...



Lisboa e os comilões

NA vertigem do progresso, estonteante de ritmo, foram morrendo algumas tradicionais usanças, tão típicas e que difiniam os caracteres rácidos da nossa gente. Adulterou-se tudo — desde o paladar ao vestuário. Qualquer galego de tascó dos Douradores substitue na lista, com dois erros de ortografia, a orelha do porco com feijão branco pela «mayonaise» de iagosta — e o vinho leve do Cartaxo segue do Povo do Bispo no «saz-vidas dum «eléctrico». As alheiras, os bróculos, os enchidos de lombo, deram lugar, vantajosamente, às «galantines», aos «consomés», com molhos esquisitos de mostarda — que obrigam ao bicarbonato. Ninguém tentará pedir, num restaurante, uma açorda de coentros e linguiça assada no espêto. Isso era caso para escândalo público — pois que os cozinheiros, geralmente puro sangue da Galiza, sabem fazer deliciosos molhos para comida requentada. Esta carência de paladar, aliás, já não é de hoje.

O sr. D. Fradique, no seu ditoso tempo, fizera semelhante reparo, quando, vindo de outras civilizações, aqui esteve e não encontrou a célebre cozinha portuguesa que deliciava D. João V.

Hoje aproveita-se tudo, é certo. Tem mesmo que ser assim. O nosso paladar já não estranha ao comer carneiro guisado com as batatas que estiveram no mólho do peixe. E não é a primeira vez que em pastéis — diz-se, modernamente, «croquetes» — de carne aparecem espinhas de carapau. Ainda não se provou, porém, se isto, que é desvantajoso para o paladar, pode ser nutritivo no campo das vitaminas. Esta, então, das vitaminas dá vontade de rir. Nós, de facto, temos uma noção errada da forma de comer. Só se deixa de mastigar — os que podem, claro, porque para os outros sol e ar é vitamina C — quando os botões do colête desapertados e o cinto completamente caído recomendam prudência. Deixa-se então de ingerir — não que o apetite voraz se desse por satisfeito — mas é que às vezes a congestão estôica, e depois é o diacho — são pelo menos quinze dias a pobres caldos de carneiro...

Isto põe de sobreaviso os glúteos. Se amanhã os médicos provarem que não há perigo no excesso de comezaina, pronto, há meninos que farão dos dentes «moto-continuos». Ora é sabido que nós temos a sopa — criação perfeita da nossa gente. A sopa é quasi uma instituição pública. Há a sopa familiar, burguesa, muito cheirosa, com hortelã e pão fervido. Há a sopa de caridade, que não é isto; e há, também, a sopa que não é isto nem aquilo, e que nas nossas pobres províncias chamam caldo. É bom frisar que não se pretende, neste arrazoado, ensinar culinária. Aliás, há os completos tratados de cozinha e doçaria escritos por cozinheiros de «borla e capelos» que não sabem frigar um ovo — que se obtém, felizmente, sem cartas de racionamento. Ora o caldo, dizíamos — é água fervida com três cebolas e folhas de couve.

— Como é que estes homens têm força para trabalhar?

Val dá um figurão que almocara na tia Virginia, uma espécie de Tavares Rico lá da terra, chispe com feijão, uma bifalhada de porco, pudim instantâneo e meia dúzia de bananas, põe-se todo ofendido a enunciar as vitaminas do caldo. E rematou com clareza:

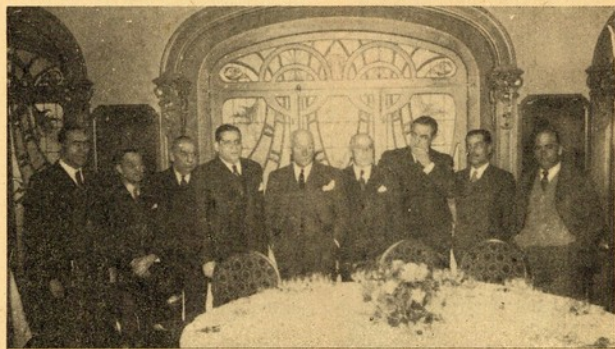
— A gente deve comer sóbriamente. É preciso saber escolher. O ar, a água, o sol alimentam. Há mais poder nutritivo em dois rabanetes, em três cenouras, que em duzentos gramas de carne. O bacalhau, por exemplo, pensa você que alimenta alguma coisa? Não. O bacalhau é água.

— Mas há mais — e dava pancadas na peitanga de hérules — com um pedaço de chocolate, meia dúzia de ameixas, uma banana, fico melhor que você se meter no buxo uma galinhola acerejada. As aves não alimentam. Não têm vitaminas. O que é preciso é ensinar as pessoas a comer...

Entendemos, de facto. Os outros comem as vitaminas — e ele é que está gordo e come carne.

MANUEL MARTINHO

ACTUALIDADES



A direcção da Associação Commercial de Lisboa ofereceu, há dias, um almoço de homenagem aos srs. Joaquim Roque da Fonseca e Elísio Pereira Vale — a presidente e o director daquele organismo — pelo êxito obtido na recente Conferência Económica Internacional, realizada nos Estados Unidos.



Com o grande ceremonial da praça, a que não faltaram as topas e casacas, fez-se a abertura solene do novo ano judiciário. O sr. ministro da Justiça, Dr. Cavaleiro Ferreira, fez o discurso de abertura, e as suas palavras, largamente divulgadas pela imprensa, valem, só por si, como garantia de um programa.

Uma entrevista oportuna

Carlos Leal

fala-nos dos teatros na província, dos hotéis e do mais que se refere ao deslocamento das companhias de Lisboa



ALGUMAS vezes aqui temos posto os problemas do teatro na província—o problema que nasce das dificuldades de pôr a funcionar hoje uma casa de espectáculos e, ainda, o problema do deslocamento de companhias de Lisboa através dessa província teatral mas nem sempre contemplada com bons agrupamentos.

E, porque fôra uma das últimas companhias a percorrer a província—a do segundo elenco do Teatro Avenida—quisemos obter algumas informações do que é ou parece ser hoje a vida desses teatros esquecidos da arte de representar.

Carlos Leal, à frente do cartaz e daquela companhia, andou durante 65 dias pelos teatros da província, sem perder um único dia de espectáculos—e, vá lá sem reclame—com receitas que não haviam sido atingidas por outra organização. O repertório, como se sabe, foi «Fora dos Elcos» e «Zé do Pelhado». Mas não é ao facto artístico que aqui vamos referir-nos. O que nós queremos é que Carlos Leal nos fale da parte que não se vê da platéia, o panorama dos teatros na província. E Carlos Leal, enfiado numa pelica de lontra ainda a preservar-se do tremendo frio que regelou a caravana em Trás-os-Montes e nas Beiras, diz-nos:

—Foi um caso sério, esta «tournee!» E tudo nos correu com aprumo e sem desaires de monta, além dos percalços da camionagem que, algumas vezes, nos fez saudades das allimárias. Aliás, custam hoje um dinheirão os meios de transporte, pesando tremendamente nos já pesados encargos de uma digressão.

—O diabo aos tombos...
—Sim, mas eu pelo-me por estas excursões, a despeito dos boléus e do trabalho que nos dão as «avalições»...
—E que tal os teatros da província?

(Continua na pág. 14)

VIDA DE TEATRO

Tempestuosa "première" duma peça de grande êxito em que se fala de Dumas Filho, Gervásio Lobato, Eça Leal, João Gil e... "Diogo Alves"

Nã época em que decorreram os episódios que vou contar, Gervásio Lobato habitava, com os seus, numa casa independente—e simpática—da travessa do Convento das Bernardas, às Trinas. Por motivo de higiene, ou, mais certamente, por ter horror a viajar no infecto machimbombo da carreira Camões-Estréla, era a pé, ordinariamente, que êle fazia a quotidiana caminhada entre a sua moradia e o Ministério do Reino, onde ocupava o lugar de 2.º oficial. Que enorme esforço e também que respeitável sacrifício, êstes, para Gervásio Lobato se pensarmos que êle já então se achava um tanto obeso, pesado e sofrendo da doença da qual deveria ser operado poucos anos depois.

Ora uma tarde, indo eu—acabadas as minhas aulas no Liceu do Carmo—a tornejear a rua Nova da Trindade para o Largo das Duas Igrejas, avisto à distância de alguns metros a figura inconfundível do famoso comediôgrafo.

—Apresso mais o passo e, uma vez próximo dêle, bato-lhe amigavelmente com a mão no ombro, ciciando-lhe, sorridente, a seguinte saudação: —«Como está, meu tio...?»

Gervásio, depois de me encarar através das suas pequeninas lunetas de miópe, logo corresponde ao meu sorriso, também sorrindo e falando-me: —«E tu, rapaz?... Olha, ainda bem que te encontro.»

—O tio vai para casa?
—Vou, sim.

—Mas não no ascensor? —interpele-o, sublinhando propositalmente a referência ao machimbombo.

—Deus me defenda! —protesta de pronto Gervásio, fazendo uma careta teatralmente apavorante. —Nada, que ainda quero viver mais alguns aninhos!...

—Então tem companhia até ao Poço Novo.

—Com muito gosto. Assim, até me vai parecer mais curto o caminho. Além disso, tenho um recado para teu pai: dir-lhe-ás que não vá hoje à noite, lá a casa, ler-me, como havíamos combinado, a sua nova peça—o *Diogo Alves*—porque justamente hoje estou cheio de traba-

lho. É a crónica para *O Ocidente*, o artigo para *O Pimpão*, rever provas da «Lisboa em Camisa»... E tudo com pressa!... Nem sei para onde me del-de voltar... Ah! dize-lhe também que a Pepa quer estrear a «Viagem de Suzete» por toda a semana que vem, impreterivelmente, e está ansiosa porque êle lhe envie os versos do último quadro.

No Largo do Poço Novo despedimo-nos. Gervásio continuou no seu rumo habitual: rua do Poço dos Negros, rua da Esperança, Trinas... Eu flecti para os Poiais de S. Bento, para, duas esquinas adiante, enfiar por certa travessa onde tinha, à minha espera, um namorico... que muito, então, me andava deliciosamente endoidando e martirizando!

Nessa época (1892...) jantava-se pelas 5 e meia, 6 horas. Mas meu pai, precisamente nesse dia do meu encontro com Gervásio, jantara fora, em qualquer restaurante, seguindo depois para casa do cunhado. Este, devido à sua intensa vida de trabalho, nunca tinha horas certas de comer, de modo que quando meu pai lhe apareceu, pelas 8 horas da noite, ainda êle e os seus estavam jantando!

—«O Chico?!» —exclama, estarrecido, Gervásio, como se acabasse de ver surgir naquele instante não um homem mas um fantasma...

—Porque te espantas, criatura?... Sou eu, sim... —e com o competente *rolinho* debaixo do braço, como já devia esperar!

—«Mas, oh! Chico (assim tratavam meu pai na intimidade familiar) mandei-te dizer que estava hoje imensamente atarefado com trabalhos urgentes e que, portanto, virias ler-me o teu «Diogo Alves» noutra dia a combinar...»

—«Não sendo hoje, acabou-se; por que tenho de entregar a peça ao Gil o mais tardar amanhã à noite!»

—«Espera —acudiu Gervásio— faz-se então o seguinte (visto tanto te interessar o meu parecer sobre o teu novo trabalho dramático) deixas-me cá a peça, leio-a eu mesmo em todos os intervalos de tempo disponíveis, e amanhã, pela tardinha, devo já estar habilitado a dizer-te qualquer coisa...»

—«Seja feita a vossa vontade» —concordou meu pai, conciliador.

—«Então, quando logo abalares, confia-me o precioso *rolinho*... E cre que te darei a minha opinião com inteira franqueza, sem *parti-pris*...»

No entanto, só dois dias depois, Eça Leal se decidiu a bater de novo à porta do cunhado e seu grande amigo.

Gervásio, sentado à secretária, tendo na frente ligados de almago riscado de azul, de que sempre se serviu para os artigos destinados aos jornais, estaria talvez nesse instante concluindo o folhetim do seu novo romance *O Grande Circo*...

—«Vou falar-te, menino, com a sinceridade que te prometi...» —declarou Gervásio, encostando-se no ca-deirão de braços, ao mesmo tempo que desacavalava do nariz de pequeninas asas a sua pequenina luneta de aros pretos, suspensa por um fino cordão de seda... A peça tem teatro, mesmo bastante teatro... A principal pelo protagonista, todas as personagens excellentemente apresentadas; linguagem própria, justa; cenas que emocionam, que prendem, que até, por vezes, empolgam... Mas, meu caro Chico, teria preferido que antes crecesses um drama menos pesado, menos «faca e alguidar». Bem sei que tratando-se de facinoras da pior



Na última reunião dos doze primeiros sócios fundadores do Círculo. Da esquerda para a direita: de pé, Jorge de Faria, Vasco Mendonça Alves; sentados, Gino Saviotti, Eduardo Scarlatti, Alves Redol, Vieira Pinto, Luis Rebêlo, Manuel de Carvalho, Manuela de Azevedo—e, detrás, Grazi Saviotti, a autora deste apontamento.

Círculo de Cultura Teatral

Estão elaborados os Estatutos e estabelecidos os primeiros planos de trabalho, tendo o teatro dos Estudantes de Coimbra dado a sua valiosa adesão

FOI em boa hora que, das colunas de «Vida Mundial Ilustrada», convocámos quantos, sendo amigos do teatro, estariam em condições de criar entre nós um movimento a seu favor, de difundir o bom gosto pelo teatro, de ser capaz, enfim, de gerar uma escola em que o público, pelo bom exemplo, pudesse compreender a verdadeira função de espectáculo, na sua expressão mais pura e essencial: arte pelo teatro.

A essa convocação acorreram os que, naturalmente, já estavam dispostos, de antemão, a acorrer à chamada. E assim se constituiu a comissão organizadora—o grupo dos primeiros doze sócios fundadores: António Alves Redol, António Vitorino, Armando Vieira Pinto, Arquimedes da Silva Santos, Eduardo Scarlatti, Gino Saviotti, Graziela Saviotti, Jorge de Faria, Luis Francisco Rebêlo, Manuel de Carvalho, Manuela de Azevedo e Vasco de Mendonça Alves.

Foi êste o grupo que elaborou os

estatutos—foi êste o grupo que traçou o plano de actividades do Círculo, cuja finalidade está expressa na própria essência da sua regulamentação: uma actividade tendente a desenvolver o gosto pelo teatro, como invenção literária e espectacular, a cultura intelectual, o sentido estético e as faculdades criadoras pela poesia e o pensamento dramáticos.

Dentro dêste enunciado, que é um programa de acção intensa, caberá tudo o que possa contribuir para erguer o nível do espectáculo e iniciar o público nas verdadeiras correntes artísticas que no teatro nem sempre constituem, entre nós, a sólida razão da sua existência.

Sem dúvida, o Círculo de Cultura Teatral não será um revolucionário. Não pretende demolir pelos processos de ataque. O seu programa confinar-se-á numa acção orientadora, sistemática, incorruptível, independente. Marcará como um exemplo: através das críticas desenvolvidas, através de estudos conscienciosos, dentro, enfim, dos mais sólidos intentos de renovar o gosto pelo teatro, através das secções em que se sub-dividirá a actividade dêste núcleo de arte—e que serão criadas à medida que as possibilidades do Círculo o permitam.

Sem dúvida, as dificuldades iniciais não-de ser grandes—mas a boa vontade de todos é ainda maior. Dentro em breve, o Círculo de Cultura Teatral solicitará a colaboração da grande imprensa e de quantos, sendo amigos do teatro, ao teatro podem emprestar o seu entusiasmo. E, por certo, não faltará quem, desde já, queira completar o quadro de sócios fundadores—que será de duzentos, a partir dos doze já inscritos.

Por agora, temos uma adesão valiosíssima a registar: a dos Estudantes de Coimbra—representados no quadro de sócios fundadores pelo Dr. Arquimedes da Silva Santos, um dos directores daquele núcleo teatral de tão excelentes provas prestadas publicamente, e que será, assim, o primeiro sócio correspondente do Círculo de Cultura Teatral.

Presentemente, a comissão organizadora trabalha na inscrição de novos elementos, para que, imediatamente ao preenchimento do quadro de fundadores, seja convocada a assembléa geral e eleita a direcção que há-de criar os regulamentos das respectivas comissões técnicas, para que passe a imediata realização a edição de um boletim, o ciclo de conferências ilustradas por alguns dos nossos mais aplaudidos actores, e a representação, pelos grupos de artistas e amadores, de peças nacionais e estrangeiras.

DIGA O QUE PENSA!...



ÂCÉRCA DE Amália Rodrigues

a que não podia faltar quem tão boa conta tem dado de si.

—O que pensa acerca de Amália Rodrigues?

—Admiro a «cantadeira» Amália Rodrigues—e só lamento que alguns empresários tenham pensado em fazer de Amália Rodrigues uma «actriz»... Cada um é para o que nasce!

«Cantadeira»—note que não digo *fadista*—Amália Rodrigues é uma chama em movimento; aprecio-a, sobretudo, quando a oiço em canções portuguesas, e gosto de certos fados que ela canta. Mas creio que estão a estragá-la e a abastardá-la, impondo-lhe tôrpes imitações de cancionistas espanholas, aplaudindo-lhe *Vargas Herédias* e quejandos, ou—o que ainda é pior—pedindo-lhe que cante «marchinhas» ou «Sambas» brasileiros. Delixem-na ser como é—e não a convençam de que pode ser diferente! Mas isto é uma opinião pessoal, e, neste caso, como em muitos outros, as opiniões pessoais talvez não valham a pena...

Theatro do Principe Real



Ernesto do Vale, no «Pé-de-danças»; João Gil, no «Diogo Alves»; Maria Adelaide Douradinha, vistos por Rafael Bordalo Pinheiro e publicados no «António Maria»



Os artistas do Accuda que andavam pela província, fotografados na esplanada do Teatro da Covilhã

Aos espectáculos cuja receita revertesse a favor dum profissional de teatro chamavam-se *benefícios*, e era com essa palavra, a letras maldiscultas, que se encimava o respectivo cartaz anunciador. De há tempos para cá, porém, o mal-soante ou humilhante vocábulo foi substituído por outros títulos muito mais elegantes e agradáveis, como: «festa artística», «récita de homenagem», etc., etc.

Todos os anos no benefício de João Gil, a lotação do teatro, onde quer que actuasse aquêle distinto e popular artista, esgotava-se por

Você sabe?...

...Que está em organização o Teatro da Juventude, destinado a levar à cena obras-primas do teatro mundial e peças portuguesas?
...que a declamadora Dulce de Oliveira vai estrear-se, em breve, como artista profissional?
...que um dos originais a ser representado pela companhia que Erico Braga vai dirigir é do escritor Manuel Fragoso?
...que se mantém a intenção de dotar Lisboa de um teatro desmontável?

HUMORISMO



VIDA DOMESTICA

— O senhor doutor disse que lhe ofereceram uma cadeira de académico?!
 — Sim...
 — Valha-me Deus, mais outro traste para limpar!..



DIPLOMACIA

— Gostas dos teus papás?
 — Vê lá tu o que me aconteceu
 se dissesse o contrário!..



MOCIDADE TRIUNFANTE!

— Sabes quem é? O Tony, um
 escritor que toda a gente lê!
 — Mas é muito novo! Onde es-
 creve?
 — Nas paredes...



O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA

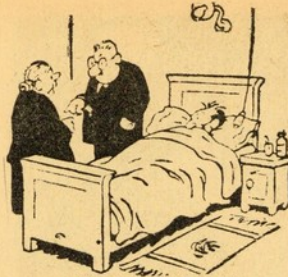
— Achei uma casa esplêndida para ti, a 1 quilómetro do Lumiar. Tem quatro pequenas divisões e uma grande cozinha, tudo por um conto de réis...

— Homem, deixa ver...
 — Ainda hesitas?!
 — Não, mas como ganho só oitocentos escudos, estou a ver de que modo hei-de prescindir da cozinha...



VIDA CONJUGAL

A ESPÓSA — Faz favor, diz-me onde é que vai?
 — Volto para casa da mamá!



RECEITA A TEMPO

— Seu marido precisa de sossego. Aqui está a receita de um calmante...
 — Quantas vezes por dia devo dar-lho, senhor doutor?
 — Perdão, o calmante é para a senhora!



UM COMO HÁ MUITOS

— Ora esta, não sei que faça...
 Compro uma camisa para a gravata ou uma gravata para a camisa?



TUDO SOBE

— Sabes o número do telefone da Lili?
 — Há dois anos era o 4115...
 — Sim, mas de há dois anos para cá tudo tem subido tanto!..



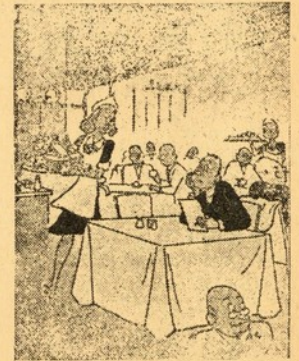
OS QUE SÃO DO MESMO OFICIO

— Estão, não se embaraça de educar o seu filho na prelínha?
 — Perdão, não é meu filho, é meu aprendiz!



NA ESCOLA

O PROFESSOR — Ora vamos lá a saber: quais são os últimos dentes a cair?
 O ALUNO — Os postigos...



SERVIÇO RÁPIDO

— Perdão, o senhor esteve aqui ontem, não é verdade?
 — Estive... e ainda de cá não sai!



NA ENGOMADARIA

— O senhor não costuma ter pres-
 sentimentos?

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes saos e belos lave-os com SULFADENTINA

Assim nasceu o SAXOFONE...



FOI nas vésperas da batalha de Waterloo que, pela primeira vez na história do mundo, um homem de nome Sax soprou e conseguiu tirar sons musicais de um instrumento da sua autoria chamado saxofone.

Sax era um dos onze filhos de um próspero fabricante de instrumentos musicais. Nasceu na Bélgica, num pequeno lugarejo chamado Dinant. Bem cedo, partiu para Bruxelas a estudar música. Daí saltou para Paris, em 1842, onde abriu uma oficina para aperfeiçoar e produzir umas pequenas invenções que tinha planeado.

Diversas vezes ficou na miséria. Os mais famosos músicos da sua época não se negaram a dar-lhe o seu auxílio. Meyerbeer chamou a Sax «o génio do cobre e latão ressonantes». Rossini, pelo seu lado, referindo-se aos sons produzidos pelas novidades criadas por Sax, disse: «é a mais bela massa sonora que tenho ouvido».

Em 1844, Sax aperfeiçoou o mais famoso instrumento que havia de criar — o saxofone — tendo conseguido, para os instrumentos de sopro o mesmo que havia sido alcançado para os instrumentos de percussão.

Antes de Sax, a construção dos instrumentos de sopro baseava-se na ideia de que era a composição do metal que determinava o timbre do som. Sax descobriu uma das leis básicas da acústica, isto é, que «só as dimensões de uma coluna de ar vibrando num tubo sonoro, e sómente elas que determinam o carácter do timbre produzido, e não a parada do instrumento, contanto que tenha a resistência suficiente».

Baseando-se nisto, Sax conseguiu desenvolver o volume e a qualidade do som dos seus instrumentos a tal ponto que lograva abafar qualquer combinação de instrumentos, permanecendo, todavia, dentro dos limites da música e do bom gosto.

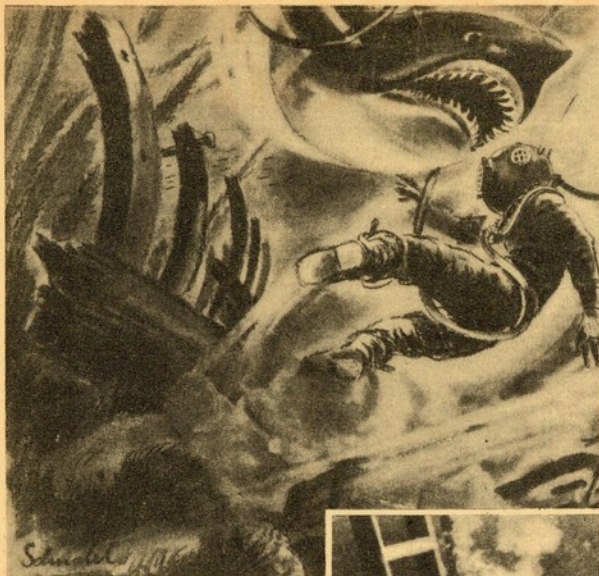
Seus inimigos — os outros fabricantes — argumentaram dizendo que «tal instrumento ia além do poder humano». Os amigos replicaram: «Aqueles que primeiro viram as pirâmides acharam-nas demasiado altas».

Em 1845, Sax alcançou o primeiro triunfo decisivo. A sua orquestra la competir com o mais poderoso grupo de Paris. A população achava-se dividida entre os *Saxons* e os *Carafons* (derivado do nome do concorrente de Sax, Carafó).

Sax safu triunfante. O governo autorizou a inclusão do saxofone nas bandas regimentais.

O facto do saxofone ter encontrado tão grande aceitação na música de «jazz» moderno, parece provar que este instrumento não é de todo inútil. Alguns dizem que o seu som é luxurioso e, portanto, repreensível. Outros acham que a «música séria» passaria muito bem sem esta invenção belga. Isto não é argumento, pois que muitas pessoas também podem passar sem «música séria». E qual a orquestra americana que, ao interpretar a vibração, a languidez, o desassossego dos nossos tempos, poderia dispensar a voz do saxofone?

Seja como for, o saxofone existe — e Sax, ainda hoje tão atacado, foi o seu inventor.



O HOMEM que filmou a própria morte

NA sua qualidade de um dos melhores operadores cinematográficos do mundo, John Craig tomou parte numa expedição que devia conhecer a exacta posição de um navio que, dois anos antes, havia naufragado na baía da Califórnia com um importante carregamento de ouro.

Craig levou como ajudante um jovem de nome Jim Ernest, tão corajoso e tão aventureiro como ele próprio.

Muniram-se das melhores câmaras de filmar, uma das quais inteiramente automática e que podia ser utilizada mesmo debaixo de água.

Craig foi o primeiro a vestir o escafandro e a descer ao fundo do mar. Aí, filmou as mil maravilhas que passavam diante dele. A certa altura, começou a sentir-se mal. As forças abandonavam-no. O tubo do oxigénio devia estar comprimido em qualquer parte.

Deu, para cima, o sinal de perigo, mas ninguém lhe respondeu. Morria. Então, súbitamente, sentiu que o livavam. Quando chegou à superfície estava inanimado.

Ao voltar a si, depois de porfiados esforços, contou o que lhe havia acontecido. Jim Ernest quis continuar as filmagens interrompidas pelo acidente quase fatal.

Envervou o seu escafandro e começou a descida. Tudo parecia correr bem. Nisto, ouviu-se o sinal de socorro.

— Puxem-no imediatamente! — gritou Craig.

O marinheiro encarregado da manobra não conseguiu trazer Jim à superfície. Desesperado, Craig lançou um apelo ao ajudante. Nenhuma resposta.

Continuaram a accionar as turbinas. Um grito de espanto rasgou a boca de todos. O cabo partira-se. Jim ficara no fundo do abismo! Não lhe restava para respirar senão o ar contido dentro do próprio escafandro e que teria, ao máximo, uma duração de oito minutos.

A pressa, novo escafandro desceu em socorro do jovem operador. A visibilidade era péssima. Nada encontraram. Outros membros da exploração continuaram as vãs pesquisas até ao cair da tarde.

No outro dia, o mesmo. Nem um vestígio de Jim. Apenas descobriram a câmara de filmar que ele utilizara. E foi graças a ela que puderam



esclarecer o mistério do seu desaparecimento.

Craig revelou os negativos. Viu-se Jim Ernest aproximar-se lentamente do costado do navio naufragado. Depois, passou para a frente da objectiva e, através do vidro do escafandro, pôde-se ver o seu último sorriso.

Continuou nas pesquisas. Súbito, uma sombra enorme estava projectada na imagem. Ernest, que dera por ela, procurava fugir-lhe. A sombra tornou-se mais nítida e pôde-se ver que era um enorme peixe, com cerca de 6 metros de comprimento. O monstro marinho nadava sobre a cabeça de Ernest. Foi ele que, com os dentes, cortou os tubos do oxigénio. De seguida havia uma porção de filme escuro, em virtude da agitação da água, provocada pela luta entre Jim e o gigantesco animal.

E o filme terminou aqui. Um filme que ficará, para sempre, a testemunhar a coragem de um operador que até ao último sopro de vida não deixou de cumprir a sua missão.

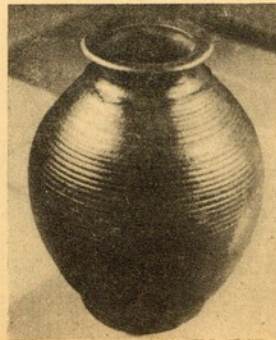
Sabe responder?

- 1 — Em que terra nasceu Mozart?
- 2 — Qual é a república mais antiga do mundo?
- 3 — Onde está situado o vulcão Hekla?
- 4 — Qual é o autor do «Cândido»?
- 5 — Quem foi o criador de M.^{me} Bovary?
- 6 — Qual é o melhor mármore do mundo?
- 7 — A que ópera pertence o «Coro dos Marinheiros»?
- 8 — Quem matou Marat?

(Continua na pág. 76)

O GATO e o POTE

(HISTÓRIA MUDA)





É nova — e muito nova. Tem apenas dezasseis anos. Chama-se Margaret Laundry. Foi «descoberta» quando representava numa festa escolar. E agora acaba de interpretar, em Hollywood, «Yankee Doodle». A crítica põe em relevo a sua actuação. Aguardemos, pois, com ansiedade Margaret Laundry nas nossas telas!

ESPECTACULOS PARA CRIANÇAS

As crianças de Lisboa não têm espectáculos cinematográficos, organizados de acordo com as normas que seriam aconselháveis. Espectáculos de curta duração, com aspectos culturais e educativos — tal como se realizam em Londres e no Rio de Janeiro, para falar em duas capitais onde o problema foi resolvido de forma criteriosa e digna de ser assinalada.

Não são as Empresas as únicas culpadas de tal estado de coisas. Porque, parece haver, na realidade, um desinteresse dos pais pelas iniciativas levadas a cabo, entre nós, com o fim de proporcionar às crianças de palmo e meio, espectáculos dirigidos à sua sensibilidade e compreensão. Com efeito, as «Matinéas Mickey» sossobram por falta de incentivo do público. E a «Hora de Actualidades», que o Central nos deu, ao longo de várias semanas, com documentários, desenhos e jornais, que então ainda não eram de guerra, acabaram também à míngua de espectadores... Nem os grandes, nem os pequenos, se interessam por essa fórmula de espectáculo, que lá fora goza do favor das populações.

Temos, para nós, a impressão de que a maior parte dos papás e mamãs da nossa terra não se dispõe a assistir a uma sessão que é susceptível de interessar apenas os pimpolhos. Sobretudo, aqueles que consideram os desenhos animados como fitas para crianças, uma espécie de chapas vivas de lanterna mágica... E, assim, dum modo geral, preferem ir com eles à «Dama das Camélias» ou ao «Tudo isto e o Céu também», porque embora os rebentos não percebam a história, divertem-se, por certo, com as figuras a mexerem — e sempre têm uns desenhos ou um documentário paisagístico, que lhes são acessíveis em por cento. E, de vez em quando, lá há um filme que interessa sensivelmente os papás e mezinhas — e, nesse dia, não há transigências, nem sacrifícios mútuos.

Que pena nos faz, entretanto, saber que as crianças das escolas e asilos, de colégios e internatos, não podem ver documentários como «Baboonas», «Bornéu», «Ilha Selvagem», «Trader Horn», «O Cruzeiro Amarelo» ou «Com Byrd no Polo Sul»: filmes de entrecho como «A Cidade dos Rapa-

zes», «O Regresso» e «Lóbo do Mar»; biografias como «A vida de Edison», «Pasteur» ou «A vida do Dr. Erlich»; histórias maravilhosas como «Bambi» ou «A Branca de Neve» — e toda uma série de magistrais pequenos filmes, cheios de encanto e de ensinamentos!

E que pena nos faz, sobretudo, ver que não há facilidades de qualquer espécie para que possam admirar tais filmes — quando o Coliseu anuncia que as crianças das escolas, asilos e estabelecimentos de assistência, têm entrada gratuita nas «matinéas» em que se exibem as trinta e duas partes lamentáveis de «O Espião Assassino»!

Há qualquer coisa, de facto, que não setá certa. E pelo nossa parte entendemos que urge remediar!

FERNANDO FRAGOSO

PLANOS DE MONTAGEM

Com vista às comemorações do primeiro centenário do nascimento de Eça de Queiroz, o S. N. I. abriu dois concursos: um para as «sequências cinematográficas» da «Cidade e as Serras» e da «Ilustre Casa de Ramires»; outra para a ilustração de três obras do autor, à escolha do concorrente. Esclarece-se que o número de ilustrações por cada obra será: uma ilustração de página; duas letras capitulares e dois «finais de capítulo».

No que se refere ao primeiro concurso, o 1.º prémio — melhor diríamos: a remuneração pelo trabalho — foi fixado em 6.000\$00. O autor da sequência cede, por essa quantia, ao S. N. I. todos os direitos sobre o seu trabalho. No que diz respeito ao concurso das ilustrações, o primeiro prémio é também de 6.000\$00, mas ao autor premiado será concedido o encargo remunerado de fazer todas as partes das ilustrações das obras completas de Eça de Queiroz, e o prémio de 6.000\$00, concedido a título de estímulo, é independente dos contratos a realizar com os editores. Preferimos não fazer comentários.

* * *

Duma reportagem sobre a neve: «O Jardim da Estrela parecia a floresta encantada de Walt Disney, onde «Bambi», o príncipe, escondia os seus segredos». «Bambi», o príncipe! Quem diria que se chamava assim a um gamo...

EDMUNDO LASSALE

Enviado de Walt Disney à Europa recém-chegado de Londres, fala-nos das bombas voadoras, do cinema inglês e conta-nos as últimas histórias de Hollywood

EDMUNDO Lassale, representante de Walt Disney para a Europa, passou, há dias, por Lisboa, vindo de Londres, a caminho da Espanha. Edmundo Lassale, professor universitário nos Estados Unidos, é uma das figuras mais curiosas do mundo do cinema. Amigo e admirador do nosso país — cuja literatura conhece profundamente — é um autêntico manancial de informações e notícias, pois, em boa verdade, está relacionado com todas as personalidades do meio cinematográfico, tanto na América como na Grã-Bretanha.

Interrogámo-lo sobre o maior êxito de Londres. E Lassale responde sem vacilar:

— «Henrique V», filme em technicolor, produzido e realizado por Laurence Olivier, o intérprete de «Rebecca» e «O Monte dos Vendavais». A tragédia de Shakespeare foi adaptada à tela com extraordinária inteligência. E há quadros magníficos, como os da batalha de Agincourt, que dir-se-ia inspirada nas telas dos grandes mestres.

— Os cinemas, em Londres? — Sempre cheios! Há bichas, todo o dia, que se prolongam por dois ou três quartelões. De resto, os bombardeamentos destruíram mais cinemas do que teatros. E os primeiros beneficiam, deste modo, do involuntário racionamento.

— As bombas voadoras? — Londres habituou-se a elas. E já ninguém se recolhe aos abrigos quando soa o alarme da V-1. Porque no que se refere a V-2, só se sabe que caíram depois de ter rebentado. Deste modo, a população adoptou uma filosofia, feita de fatalismo: «Vivo, se tiver que viver; morro, se tiver que morrer!». E os alarmes aéreos já não interrompem os espectáculos. Espectadores e actores continuam a ver ou a representar os seus espectáculos. E nos cinemas, a projecção, não pára, e ninguém abandona os seus lugares.

— O efeito moral dos bombardeamentos...

— ...perdeu-se, por completo. A população habituou-se. Teve, além disso, um treino aturado, durante o Verão de 1940. As bombas voadoras, no início da guerra, seriam uma arma terrível. Hoje, já não são susceptíveis de abalar o moral ou perturbar a tradicional flegma britânica...

Fala-se do cinema inglês, dos seus (Continua na pág.14)

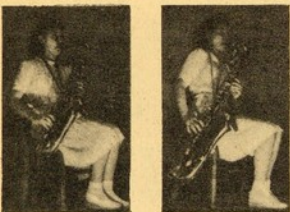
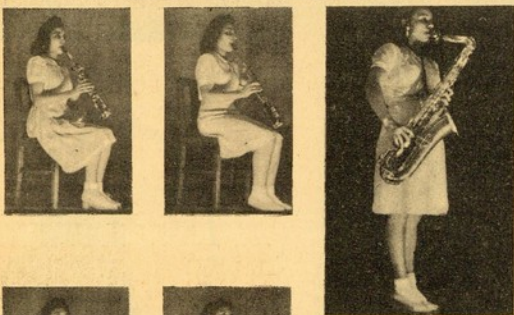
Frank Sinatra continua a ser um dos ídolos de Hollywood. Não pode aparecer em público sem a protecção da polícia. Os seus admiradores precipitam-se sobre ele na ânsia de o ver e aplaudir. E aqui o temos a esquivar-se das expressões amorosas de Anne Jeffreys, durante os ensaios de uma canção em «Dois a vidas».





À maneira da América...

Em Almada há 7 artistas que fazem inveja a Hollywood



A tela tem apresentado as mais excentricidades desse prodigioso mundo americano. Tudo é aceitável nesse fecundo continente onde se fabricam celebrações em série — desde as dinastias do aço, do tabaco, ao «swing» e ao «jazz-bands». Na América há sempre tronos vagos — e reis desempregados. De moço de café chega-se a «barman» de ruidosa cervejaria; de lavador de copos alcança-se a fortuna consoladora de milionário — e tudo isto com o ar mais simplório do mundo. Uma modesta dactilógrafa, de pernas bem torneadas, num concurso é eleita «Miss Pernas 1945» — e já sabe: daí a dias os jornais publicam-lhe o retrato; em grandes parangonas conta-se a sua vida desde pequenina; os fotógrafos, aos bandos, espicaçados pelas redacções, levam a sua ousadia ao imprevisível de a retratarem, à noite, quando recolhe ao leito; milhares de cartas chovem-

lhe em casa; o cinema, desejoso de vedetas pouco estafadas, oferece-lhe contratos fabulosos; o filho do «rei do prego» ou de outra indústria qualquer pendura-se num barão por que a «miss» lhe negou um sorriso — e a celebridade está feita...

Ora se um agente desses viesse aqui a Portugal — descesse em Cabo Ruivo do «Clipper», batesse os sapatos de quatro solas no lagoado por causa do frio, esfregasse as mãos e dissesse ao motorista: — «Palace Hotel! Que há de interessante em Lisboa?».

Claro que o bom do motorista pensaria no fado, no miradouro de Santa Luzia, nas espanholas dos «dancings» — e esse agente talvez se aborrecesse.

Mas, se o homem, seduzido pelo dorso azul do Tejo, que éle vira do «Clipper», fôsse à muralha e tomasse um barco para ver aqueles lindos montes — e se fizesse até Almada — o seu tempo não seria perdido.

E sabem por quê? Porque arranjaría logo intérpretes para um filme.

«Doida por saxofones!» ou «Sete

raparigas e uma orquestra». É verdade. Agora dirão os leitores:

— O quê? Em Almada? Em Almada há o forte, a Academia, e...

Deixem os seus raciocínios para depois — e oiçam:

A Academia Almadense, que é das mais velhas colectividades de recreio, pois dentro em breve completa as suas «bodas de ouro», tem, como toda a gente sabe, uma das melhores bandas do país, dirigida há dezenas de anos por esse homem de apurada sensibilidade artística que se chama Leonel Duarte Ferreira. Sociedade de belas tradições, mantém uma obra notável no aspecto educativo e cultural. Além da instrução primária e da música — mantém um orféo infantil, um grupo cénico, aulas de educação física, etc.

O Estado, reconhecendo o belo esforço que a Academia de Almada vem prestando ao seu povo, agradeceu-a com o grau de Oficial da Benemerência. Tem um belo edifício — onde funciona um cine-teatro, instalado modernamente, e para a edificação do qual muito contribuiu o benemérito almadense António José Plano Júnior.

Mas — vamos ao que interessa: às sete saxofonistas que hão-de fazer um grande sucesso quando entrarem num filme. São irmãs? Não. São amigas — e de Almada.

Como nasceu a idéia deste grupo de saxofones?

— A Academia — começam por nos dizer — mantém um Conservatório de Música Popular para amadores. Um dia, diante dos progressos que os alunos faziam, houve a inspiração de se fazer uma orquestra de câmara. Deparou-se, porém, com algumas dificuldades — a que não foram estranhas as possibilidades dos alunos e da Academia na compra dos instrumentos. Gente que vive, dia-a-dia, do seu trabalho, não poderia dispor de dinheiro para um tal empreendimento.

Porém, Leonel Duarte Ferreira, um dedicado batalhador e que à música da Academia tem dado o melhor do seu esforço inteligente escolheu entre as suas alunas as que melhores provas tinham dado durante seis anos de aulas. E formou, assim, este famoso septeto, que já teve a honra de tocar diante da senhora Carmona...

As pequenas são: Aida Ferreira Alves, de 14 anos, e empregada de escritório; Antónia da Costa Rodrigues, de 17 anos, modista, ambas saxofone soprano; Maria Amélia Fer-

(Continua na pág. 16)

NUM dos nossos últimos números, publicámos alguns depoimentos a propósito do novo filme de Leitão de Barros «Inês de Castro». E devemos dizer que essas declarações tiveram um certo bom acolhimento no meio cinematográfico português — e porque não dizê-lo? — no meio espanhol. Entretanto, pareceu-nos que a reportagem não estava completa. E, então, achámos interessante voltar a falar de «Inês de Castro» — desta vez em forma de apontamento. Depois de falar Leitão de Barros, o artista que foi a Madrid realizar e dirigir cinematograficamente a história dos amores da «miserável e mesquinha», depois do depoimento de Dias Amado, o produtor incansável e entusiasta da colaboração do cinema ibérico, depois de ouvirmos Garcia Viñolas, o assessor literário da versão espanhola, e o depois do maestro Muñoz Mollada e o operador Henrique Gartner, acrescentamos hoje algumas informações de outros técnicos a quem se deve igualmente o extraordinário êxito que neste momento agita as atenções de Madrid cinematográfica. Falaremos, assim, da imaginativa realidade dos cenários de «Inês de Castro», devidos ao melhor grupo de decoradores de Espanha, formado por Pedro Schild Scicont e Joaquim Escriña.

A montagem foi chefiada por Saint Leonard, já conhecido dos portugueses pela actuação no «Ala-Arriba». No génio técnico colaboraram com Leitão de Barros, Ricardo Marzo e Alonso Verguera, dois nomes soberbamente conhecidos e apreciados nas letras madrilenas. Algumas passagens do filme são inaprádas nos temas de Afonso Lopes Vieira e Antero de Figueiredo. Os figurinos, duma

(Continua na pág. 16)

ALGUNS APONTAMENTOS A RESPEITO DE «INÊS DE CASTRO» E DOS ARTISTAS QUE NO FILME TRABALHARAM



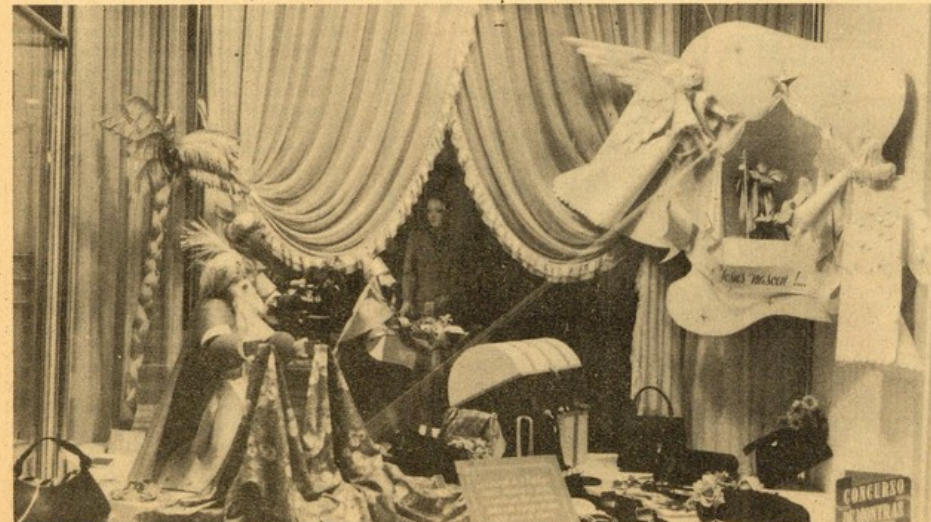
«Eis três das mais destacadas figuras de «Inês de Castro»: Garcia Viñolas, Leitão de Barros e António Vilar.



PAMPAS — A Pelaria Pampas, que festejou este mês mais um aniversário, apresentou uma sugestiva montra executada por Mário Costa, segundo «maquette» de José Feio.



ARTES DECORATIVAS — Esta montra, duma simplicidade e bom-gosto notáveis, foi também executada por Mário Costa e revela bem o alto valor deste artista.



TATÁ & RODRIGUES — Foi ainda Mário Costa que executou esta admirável composição. Úteis e valiosos são os brindes que os três Reis Magos apresentam...



DOIS ASPECTOS DO ATTELIER DA ARCO



LI ao Largo Trindade Coelho, num 4.º andar, donde se espreita uma nesga azul do Tejo e aonde chega o rumor da cidade, cheia de zimbórios e chaminés, fomos encontrar, de surpresa, meia dúzia de artistas, trabalhando, com o ímpeto da mocidade.

Pessoa amiga, o Tasso, rapaz dinâmico e que anda nestas coisas dos jornais como «catedrático da publicidade» — pois se ele até vai publicar um tratado de publicidade a provar o lado científico da mesma! — quis, gentilmente, prestar-nos essa curiosa visita. Nós não sabíamos o que dali vinha.

— Ó homem! suba, que ninguém lhe faz mal!

E, de facto, ninguém nos fez mal — e viemos encantados com tanta gentileza. As escadas pareciam não ter fim. Já as conhecíamos, porém. O número 9 do Largo Trindade Coelho não é desconhecido dos jornalistas. É ali que funcionam os serviços de «Censura» à imprensa — agora no 4.º andar não nos constava que houvesse qualquer coisa de especial. Batemos à porta. Um rapazito, curioso, delicado veio abrir. Reconheceu Tasso — e deixou-nos entrar.

Numa ampla sala, cheia de cavaletes, de pranchetas, de telas, pincéis, tintas, três artistas trabalhavam, blusas de «estúdio», alegres e galhofeiros, como se a alegria fosse obrigatória naquela casa.

Reconhecemos logo Mário Costa, o grande artista, medalhado das Belas Artes, decorador de «filmes» e que, além das mil ocupações artísticas, trabalha todos os dias a publicidade da Vacuum com tanta verve e conhecimento que até já se esgotou o petróleo...

Ao seu lado, José Feio, outro conhecido artista de publicidade retocava um desenho. José Feio é «arqui-duque» da publicidade artística. Fá-la para todo o mundo — ou não trabalhasse numa das principais agências do país... Aires de Figueiredo — artista profissional e miliciano-aviador, rapaz despojeado e grande valor, poisando o pincel, perguntou interessado:

— O meu amigo sabe onde está?

— ?...

— No «Montmartre» lisboeta. Isto é uma casa que vale por um bairro?

— Como se chama, afinal, este vosso «atelier»?

— Estúdio Arco — informa-nos o Tasso que folheava uma revista.

— Vamos, unidos, pôr em prática uma velha idéia que há muito ambicionávamos. Somos artistas, trabalhamos com gosto nestas coisas de publicidade, por isso... por isso...

— Por isso — acrescenta Mário Costa, que veio meter-se na conversa — o Estúdio Arco há-de ser uma coisa séria no nosso país. Anúncios, calendários, cartazes, catálogos, campanhas, decorações, dispositivos...

E como lhe faltasse o fôlego, o José Feio erguendo o lápis, à altura da cabeça, continuou, de cima duma cadeira, à maneira de comício:

— Embalagens, etalages, «filmes», fotografia, gravuras, litografia, montras, rótulos, tipografia e...

Já tínhamos vontade de pôr as mãos nos ouvidos, com tanta coisa que nos anunciavam, quando o Tasso, fazendo voz de «baixo» no 2.º acto da «Tosca», nos disse, por fim:

— A «Arco» é para todos os que precisam... de publicidade!

Entendemos, então. Trata-se tudo aquilo dum grande estúdio modelarmente montado, com laboratório fotográfico, salas de desenho, salas de estar — e um gabinete de serviço de expediente. A idéia, de facto, não pode ser mais feliz. Juntaram, dentro da mesma actividade, os melhores artistas do género e um rapaz que basta chamar-se «Tasso» para, clássicamente, se ter confiança nele.

O laboratório fotográfico dirigido por Abreu Nunes, é tècnicamente dos melhores existentes.

Quando já vínhamos a descer a escada, Mário Costa quis-nos apresentar um colaborador do seu estúdio: Adolfo Rabanal, um miúdo que ha-de fazer-se um artista, pois, junto de bons mestres anda a aprender.

— Aos nove anos — acrescenta o Aires de Figueiredo, — que já quis entrar pela janela do quarto andar com a sua avioneta — já desenhava letras...

Na rua olhámos o alto prédio. De facto os artistas têm sempre a sedução das alturas, gostam de contemplar, mais de perto as estrélas e a luz do sol.

Além disso o horizonte torna-se mais vasto dum 4.º andar. Parece um mundo que se abarca de anseios.

E, Chiado abaixo, preguntámos ao Tasso — que ele gosta sempre de elucidar:

— Esta coisa de publicidade artística é moderna? Quantos anos terá?

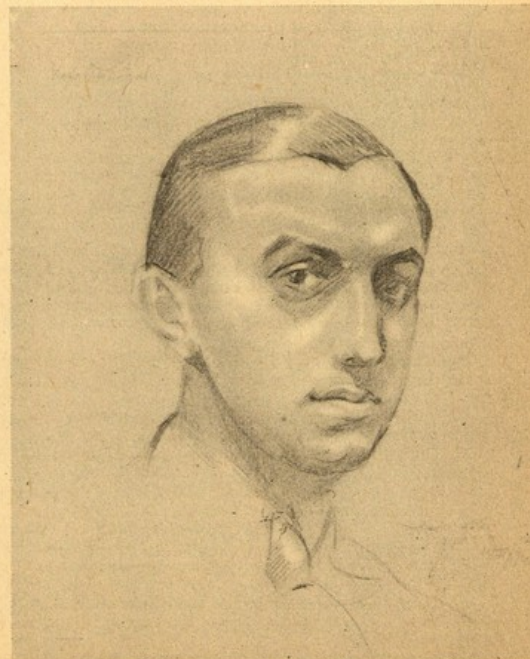
— Perde-se através dos tempos. Foi, porém, no século XVIII que a publicidade passou a ter uma posição definida e o seu objecto passou a sofrer as afirmações e discussões por parte do grande público.

E Tasso, acendendo novo cigarro, acrescentou, no apêrto de mão de despedida.

— Na América, por exemplo, um director técnico duma agência de publicidade recebia, anualmente, antes da guerra, quantias que chegaram a atingir 80.000 dólares...

— Perfeitamente, amigo, e a «Arco», dentro em breve há-de ter tanta publicidade que os bancos hão-de recusar os seus fabulosos lucros...

QUATRO ARTISTAS NUM QUARTO ANDAR



Tasso visto por Mário dos Reis

VIDA PORTUGUESA



Sintetizar, a modelar organização que o Pôrto criou e que está tão bem representada em Lisboa fez, há dias, uma curiosa exposição de mobílias — talvez melhor: de um lar moderno, confortável e elegante, dentro de uma casa pequena. Estiveram presentes os representantes da Imprensa e muitos convidados, a quem foi oferecido um «Pôrto de honras».



O jantar continua a interessar particularmente a gente portuguesa. Recentemente, iniciou-se o torneio dos mestres de xadrez, num dos salões do Hotel Império. Assistiram altas individualidades do meio xadrezista e desportivo, e foi oferecido um «Pôrto de honras» aos convidados — do qual damos juntamente um aspecto.

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por CHARLES BERRY

VERSÃO LIVRE DE GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO «OS GRANDES ROMANCES DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA DE UMA ESPIA RUSSA: DRAMATISMO, MISTÉRIO, EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.ª

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA

“Em nome das Nações Unidas”

O segundo debate na Câmara dos Comuns sobre a evolução dos acontecimentos políticos na Grécia concluiu-se com uma segunda votação que, sob o ponto de vista puramente aritmético, significa, outra vez, a aprovação da política praticada pelo gabinete britânico. Se se quiser abstrair da expressão simplesmente aritmética e fazer entrar em linha de conta o estado de espírito revelado por muitos oradores, não só do trabalho — que é partido representado no Governo — mas também dos conservadores, como até a percentagem dos votos expressos em relação ao total que poderia manifestar-se, é possível, entretanto, chegar a conclusões diferentes. De um modo geral, em todos os grandes sectores responsáveis, pensa-se que não seria oportuno abrir a crise numa altura em que estão à vista grandes acontecimentos diplomáticos e, apesar de todas as críticas que lhe estão a ser endereçadas, é de perceber o sentimento de que Churchill é ainda a figura mais qualificada para tomar lugar, em representação da Inglaterra, nos grandes conselhos das Nações Unidas, cuja reunião se afigura próxima. Por outro lado, a estratégia do trabalho desaconselha a tomada das principais responsabilidades do poder. Com a possibilidade de eleições gerais à vista, o partido supõe naturalmente a vantagem de se apresentar perante o eleitorado com a impressão das críticas que fomentou por intermédio de alguns dos seus «leaders» mais evidentes, em vez de consumido já por alguns meses de responsabilidade principal na direcção da política do país. De resto, um ministério de presidência trabalhista só seria possível com o apoio de uma volumosa fracção do partido conservador. Por quanto tempo poderia subsistir um tal estelão?

De um modo ou de outro, Churchill viu confirmada a sua posição, que lhe deve ter permitido desde logo começar os seus preparativos de abalada para o encontro com Roosevelt e Staline, que deve estar, ao que dizem todas as fontes de informação, à beira de se realizar. A menos que Staline, dando realce à sua dignidade de marechal e à sua qualidade de chefe efectivo dos exércitos russos, manifeste a opinião de que lhe não é possível afastar-se dessa tarefa, numa fase em que os seus exércitos estão empenhados numa ofensiva que Berlim tem classificado ser da maior envergadura e cujos arrancos, ao longo de toda a frente, se cifram em ganhos territoriais que fizeram deslocar a linha de batalha mais algumas dezenas de quilómetros para ocidente.

A importância da ofensiva russa, que fez flutuar a zona de combates para as fronteiras do leste alemão, mais ainda avulta pela circunstância de, ao mesmo tempo, a oeste, ter sido praticamente eliminado o saliente aberto, há há um mês, pelas divisões alemãs de von Rundstedt, no território belgo-luxemburguês, e toda a frente se ter animado de novo vigor, com o ataque de Dempsey na Holanda e impeto receso dos americanos e franceses. Quere dizer: a Alemanha vê, praticamente, toda a sua fronteira assediada pela convergência dos exércitos da coligação inimiga. O perigo, tantas vezes estudado e sempre afastado, da guerra em duas frentes, nunca se concretizara em termos tão precisos, para mais que a batalha em duas frentes — mais recedida seria falar de três, porque a frente italiana não é de esquecer e há indícios de que pode, de um momento para outro, retomar alento — se não trava já simplesmente em país estrangeiro mas bordeja e fere já o próprio território alemão. «Todos aqueles que sabem pegar em armas e servir-se delas se lançam ao encontro do inimigo» — escreveu um correspondente de guerra alemão. E isto dá o quadro do ímpeto desesperado que a batalha chegou a assumir.



«FRANCE-SOIR» faz a revelação: está descoberto o homem que se encontrava com Churchill no Quai d'Orsay. E acrescenta: era Charles Montag, o mestre de pintura do sr. Churchill... No dia seguinte ao da sua chegada a Paris, isto é, a 12 de Novembro do ano passado, Churchill começava a receber presentes de admiradores conhecidos e anónimos, de organismos oficiais e de individualidades particulares. Entre os presentes, um havia de ter causado certa emoção ao Primeiro Ministro: um quadro representando um soberbo «bull-dog» que oferecia certas parências com Churchill. O protocolo franziu o nariz. Como devia ser encarado o facto? Mostrar o quadro ao hóspede ilustre?

O certo é que Churchill acabou por ver o quadro e reclamou a presença do seu autor. Sabia-se que a pintura é o «violino de Ingres» do sr. Churchill. Sabia-se que o quadro revelava notáveis qualidades de artista. Mas por quê, aquela insistência? Mais: Churchill recusara-se a receber fosse quem fosse, com carácter particular, e só aqui abria uma excepção!

Enfim, diante da insistência do Primeiro Ministro, surgiu outro drama para o protocolo: onde encontrar o pintor? E, por fim de muito procurar — encontrou-se a direcção: Meudon... Charles Montag aparece — e a conversa dura três horas! Adensa-se, pois, o mistério: que representa Montag na vida de Churchill, que disseram na sua longa conversa? O Quai d'Orsay não o soube...

Mas o jornalista descobriu: Montag, um francês de origem suíça, foi o professor de pintura de Churchill, depois da outra guerra,

FRANÇA

ESTA DESCOBERTO O HOMEM MISTERIOSO QUE SE ESCONDIA COM CHURCHILL NO QUAI D'ORSAY

quando o actual Primeiro Ministro, que não fazia parte do Governo, manifestou desejo de ser seu discípulo. Então, uma verdadeira estima nasceu entre ambos. Churchill, sempre que ia a França, levava alguns trabalhos para submeter à apreciação do mestre, ao passo que Montag, todas as vezes que ia a Inglaterra, não se esquecia de procurar o seu mais ilustre discípulo. Ao jornalista que o entrevistou, o pintor disse:

— Como o sr. Churchill gosta dos franceses... Se todos o pudessem entender!...

O Primeiro Ministro recebeu Montag no seu quarto do Quai d'Orsay, em pijama verde, e com uma alegria estrondosa.

— Como vai, meu caro Montag? O seu quadro é perfeito, só o nariz ficou um pouco menos comprido do que o meu... Aparte isto, muito bem... muito doce...

E depois, rindo-se: — Estou na cama do Goering... Esse colchão tinha desaparecido, mas trouxeram-no outra vez!...

— Quando regressaremos à pintura, M. Churchill?

— Depressa, quando a guerra acabar... Isto é, se não chover muito, daqui a uns seis meses. Pintaremos os dois, meu caro amigo!

Churchill perguntou muita coisa ao sr. Montag — principalmente do que se referia à ocupação — mas para compensar o

70 BILHÕES DE DÓLARES!

Recentemente, o tenente-general Somerville foi convidado a fazer um discurso, durante uma reunião da Associação Nacional dos Industriais Americanos. Dêsse discurso, os jornalistas recortaram esta passagem:

«A conquista do Japão passará a custar aos Estados Unidos, assim que a Alemanha for vencida, cerca de 70 bilhões de dólares por ano. Só por si, a guerra contra o Japão foi, até agora, a maior que os Estados Unidos — ou mesmo todos os Estados americanos juntos — têm mantido em todos os tempos.

— CARVÃO = A + AÇÚCAR

A França teve este inverno uma idéia a que os lisboetas, empenhados na luta contra o frio, hão-de encontrar um desdenhoso sabor. Éis o caso: para que os franceses tivessem maiores quantidades de açúcar, o governo resolveu que as reservas de carvão, destinadas à administração pública, revertessem a favor das fábricas, a fim de alargar, o mais possível, o tratamento da beterraba e a preparação de rações de açúcar para os próximos meses...

seu informador, o Primeiro Ministro não o informou de nada...

Entretanto, quando o professor lhe perguntou o que pensava da França e dos franceses, foi repentista e entusiasta:

— Magníficos!

Enfim, as três horas da entrevista terminaram. Churchill regressou ao avião que o levaria a Londres. Mas, ao pôr o pé no degrau da escada, não se esqueceu de gritar ao representante do protocolo:

— Principalmente, que não esqueça o meu «cão». É o meu talismã!



Que estão a fazer as alunas do Hudson Shore Labor School? Não, não tomam banho de sol... Fazem um estudo estatístico aas horas de descanso das operárias.

UMA ESCOLA DE TRABALHO NAS MARGENS DO HUDSON PARA AS RAPARIGAS OPERARIAS

«HUDSON Shore Labor School», a mais antiga das escolas de verão com carácter permanente para operárias dos Estados Unidos, completa neste ano o 25.º aniversário da sua actividade na educação de mulheres destinadas a desempenhar uma parte activa no trabalho organizado. As alunas, durante os períodos escolares que duram seis semanas, jogam numa quinta, a 130 quilómetros de Nova-York e debruçada sobre o magnífico rio Hudson, aprendendo através das lições dos professores e peritos convidados e pela prática da vida democrática e auto-governo. Frequentam-na alunas de todas as raças e, em tempos de paz, de todas as nacionalidades.

Foi precisamente em 1921, quando, ao ser criada esta escola, a primeira no seu género, que as mulheres americanas obtiveram o direito de voto. Nessa primeira fase, o número das alunas já membros das uniões de trabalho era igual ao de quantas trabalhavam à margem desta organização. Poucas, mesmo, vinham de estabelecimentos organizados, e poucas também possuíam uma certa cultura geral. Esta escola, cujo funcionamento inicial se devia a um grupo de professoras e senhoras diplomadas pela Bryn Mawr College, na Pennsylvania — uma das principais escolas superiores femininas da América — era, pois, o seu primeiro contacto com a técnica da chefia e com o estudo do movimento trabalhista, leis do trabalho e ciências económicas.

Uma das alunas desse primeiro grupo tornou-se, finalmente, vice-presidente da União Internacional das Modistas; uma outra, vice-presidente da União das Operárias das Indústrias Têxteis, enquanto muitas outras se tornavam as organizadoras de uniões e chefes educadoras. Apesar de grande parte das alunas dos últimos anos virem de centros de trabalho organizado, e muitas trabalharem em oficinas onde uma união trabalhista mereceu reconhecimento como organismo de contrato colectivo, na sua maioria — por exemplo, as que frequentam o 1.º ano — é constituída por novatas no movimento.

(Continua na pág. 14)

POLÓNIA

Varsóvia para os polacos

espectativa: pelo menos, cessou a ocupação alemã...

Para comemorar o levantamento de Varsóvia, os serviços postais polacos na Grã-Bretanha, restabelecidos a 15 de Dezembro de 1941, emitiram um novo selo — e dele damos uma reprodução. Destina-se, pois, como os anteriores, a comemorar a presença da Polónia na guerra. A primeira série documentava o esforço de guerra do país, a segunda o movimento clandestino polaco, a terceira a vitória de Monte Cassino — e, a quarta, como dissemos, o levantamento de Varsóvia. Este selo dá-nos dois homens e uma rapariga em combate numa barricada de Varsóvia, enquanto a sereia que forma o escudo da cidade paira acima dos próprios combatentes e do fumo que os envolve.

O valor do selo é de um zloty, sendo vendido, porém, por três zloty, para que a diferença reverta a favor de um fundo de socorro para as vítimas do levantamento.

A tiragem é de 100 mil exemplares. Haverá por aí algum filatelista que se interesse pelo assunto?



A sr. Roosevelt, que tem particular interesse por esta escola, todos os anos promove um «pic-nic» em sua honra, tomando parte, durante o ano, na discussão dos seus trabalhos.



De pé, falando às actuais alunas, vemos «Miss» Smith, fundadora do H. S. L. S.



As operárias desta escola não aprendem, porém, só um programa de trabalho nas oficinas: estudam, como nesta aula, economia doméstica.



A Polónia regressou ao seu coração: a tremenda ofensiva russa libertou Varsóvia. Desanuvia-ram-se, assim, os olhos dos que choraram os trágicos acontecimentos de Setembro? O levantamento de Varsóvia, no último verão, com a sua confiança traída por todos os lados, não se satisfaz com este grande «tão pouco» que é a libertação da sua cidade. Mas, de qualquer modo, enquanto as potências continuam as suas reticências políticas — os soviéticos abrem os corações a uma nova

Quadro de classificação do Problema n.º 1—1.º Concurso mensal

(Continuação da pág. 15)

COM 20 PONTOS:

Alberto de Penamacor (Coimbra).
Aljofe (Pórtor).
All-round Detective (Mafra).
Detective Águia (Lisboa).
Inspector Manardo (Setúbal).
Leiria Dias (Lisboa).

COM 19 PONTOS:

Artur N. R. (Lisboa).
David Martins Godinho (Ovar).
Detective Omar (Lisboa).
Insignificante (Guarda).
Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
Miss All-round (Lisboa).
Três Sombras (Lisboa).

COM 18 PONTOS:

António C. Bernardo (Loures).
Condor (Viana do Castelo).
Detective Branco (Lisboa).
Fernando Rosa (Leiria).
Jobel Codius (Ovar).
José de Sousa (Pórtor).
Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
Maria Julietta Patricio (Covilhã).
Mr. J. G. Reeder (Lisboa).
Rial Verro (Póvoa de Varzim).
A. M. S. (Monte Estoril).
Agente Z-4 (Matosinhos).
Eureka (Lisboa).
Monástico (Oliveira de Frades).

COM 16 PONTOS:

Cap. Lapuz (Ovar).
H. R. (Pinhel).
Mac B. Learn (Lisboa).
Mário Claro da Silva (Pórtor).
O Homem do Cachimbo (Lisboa).

COM 15 PONTOS:

Kokabichinhos (Pórtor).
Zarathrusta (Beja).

COM 14 PONTOS:

Alfredo Rodrigues (Algés).
Artur Varatojo (Lisboa).

COM 13 PONTOS:

João Fazenda (Lisboa).
Jomos (Lisboa).
«O Lóbo Solitário» (Pórtor).
Repórter n.º 8 (Vendas Novas).
Rómulo (Lisboa).
Thaoula (Lisboa).

COM 11 PONTOS:

Esoj Rapsag (Covilhã).
Fantomas (Lisboa).
Ferraz da Costa (Lisboa).
J. Simões (Caldas da Rainha).
Salviano de Sousa (Pórtor).
Sam (Pórtor).

COM MENOS DE 10 PONTOS:

António Godefroy (Queluz), 9 pontos.
Fernando Edgar Trigo (Ermezin-de), 9 pontos.
Agente Inghino (Lisboa), 8 pontos.
Adarol (Lisboa), 8 pontos.
Natrécia Pereira Leite (Lisboa), 8 pontos.
Rapsag (Setúbal), 8 pontos.
Detective Janes (Setúbal), 5 pontos.
Rocambole (Covilhã), 3 pontos.
António Pisco da Silva (Lorvão), 2 pontos.

Sistema original de Apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

Indico o nome (ou pseudónimo) do meu favorito em cada uma das séries

- A) Produtor
B) Solucionista

Apostando nêles, respectivamente, os seguintes livros

A)
B)

O concorrente

Nome completo do concorrente

Morada

NOTA — Este cupão pode ser enviado num simples postal ou numa carta a «Sistema de Apostas N.º 1 — Repórter Mistério» — «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.
De preferência, os livros devem acompanhar o envio do cupão.

Avisamos os nossos prezados leitores de que, satisfazendo alguns pedidos, prolongamos o prazo para entrega dos cupões de aposta até ao dia 5 de Fevereiro, inclusivé. Mas

tomem atenção. Só até ao dia 5 de Fevereiro.
Não deixe, pois, de votar nos seus favoritos. Preencha o cupão e talvez ganhe mais um bom romance para enriquecer a sua biblioteca.

UMA MEIA MEIA FEITA
OUTRA MEIA POR FAZER
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA
MUITO TERA QUE COSER.

Meia de Vidro

RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

Lamentável injustiça

(Continuação da pág. 2)

pelas senhoras compassivas da terra, tomem a seu cargo velar os infantes, enquanto as mães labutam?

A mulher do campo é ainda a última que recolhe ao leite. Depois da ceia, enquanto os homens espantam ou repousam do cansaço diurno, ela cose, remenda, acomoda com ralhos e alguns tafetes à mistura os recalcitrantes, que exigem lugar menos acanhado na estreita cama da comunidade: enxuga e amamenta o mais pequenino. E não é raro acontecer que quando, após o sinal da cruz, apaga a candeia e se dispõe a repousar, qualquer dos filhos rubuje. Então, a mãe tem de erguer-se sorrivelmente e remetê-lo ao silêncio, para não perturbar o sono dos varões mal humorados que violentamente reclamam sossego — «porque um homem não é de ferro e tem de trabalhar para sustentar bocas inúteis e não passa o tempo, como as mulheres, a falazar e sem préstimo para nada...»

Pena é que certos doutores, de almas delicadamente sensíveis, que a todos os instantes sagazmente protestam contra a invasão das mulheres em trabalhos intelectuais, como «perniciosos» ao sexo, não volvam também os seus olhos misericordiosos àqueles que labutam simultaneamente nos campos e nos miserios lares, esbraseadas pelos ardores do sol, ou enregeladas pelos frios de inverno, sem resguardo nas suas maternidades e sofrendo a sentença iníqua de as julgarem «imprevidentes», quando são apenas desgraçadas!

EMILIA DE SOUSA COSTA

Carlos Leal Uma escola de trabalho

(Continuação da pág. 5)

(Continuação da pág. 13)

Em Loulé, que também possui um moderno teatro, conseguimos sair fílesos de prejuízo porque só no primeiro espectáculo fizemos a receita que uma outra boa organização conseguira nos dois espectáculos que dois meses antes ali dera.

— E Aveiro? Não vai construir um grande teatro?...

— E Viseu, Guarda e Portalegre, pois então! Assim se construísem hotéis, porque, exceptuando Coimbra, Évora, Extremoz, Braga, Santo Tirso, Famalicao, Castelo Branco e uma ou outra pensão acessível — o resto é tudo em estilo *dernier discomfort*. Todavia, neste país onde é costume dizer-se que tudo está por fazer, alguma coisa temos progredido ultimamente. Em matéria, porém, de excursões teatrais, pensei aproximar-me do senhor ministro do Interior, que se tem revelado estadista de alto critério — mas desisti por não magoar a natural susceptibilidade dos organismos a que o assunto está ligado.

«Há entre os problemas importantes a resolver, o das percentagens exigidas pelas empresas que de um modo geral indesejam o teatro por serem «grilhetas» da programação cinematográfica; e a dos transportes que poderia ser resolvida por intermédio do Sindicato dos Artistas com o auxílio do Estado para que se construisse uma camionagem especial. Este caso esteve, em tempos não muito idos, quasi resolvido pelo empresário António de Macedo, que chegou a mandar executar a um Industrial de automóveis os planos para a construção de uma camioneta com espaços para os artistas e sua indumentária, cenários, guarda-roupa, instrumentos musicais, etc.

Carlos Leal tem pressa e quer dar por terminada esta troca de idéias. Mas nós ainda perguntamos:

— Muito bem. E agora para o Teatro Avenida, não...?

— Sim; duas «pontinhas» na opereta «A Fidalga das Ruas», e depois talvez então já encarpucado numa nova produção do João Bastos.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
VIDA MUNDIAL

Sabe responder

RESPOSTAS

- 1 — Salzburgo.
- 2 — Islândia, desde o século IX.
- 3 — Na Islândia, que, ao todo, forma 29 vulcões.
- 4 — Voltaire.
- 5 — Flaubert.
- 6 — O de Carrara.
- 7 — Madame Butterfly.
- 8 — Carlota Corday.



RESPOSTAS

1.º Concurso mensal—Problema n.º 2

1.º—O inspector Marques acusou D. Álvares de Menezes.

2.º—D. Álvares de Menezes disse que ouvira a campainha eléctrica às cinco da madrugada. Era falso! A electricidade faltara em casa até de manhã. Além disso, D. Álvares afirmou também ter visto que as letras do cofre estavam certas. Outra mentira... Como a noite estava «muito escura» e ele não se servira de «luz alguma», era-lhe impossível, por completo, ver se as letras estavam certas ou não...

Houve, portanto, duas provas principais de acusação.

3.º—Não houve cúmplices—pelo menos não existem quaisquer dados que nos levem a essa conclusão.

4.º—O inspector Marques deve ter formado o seguinte raciocínio, baseado nas mentiras de D. Álvares.

Igualmente D. Álvares abusara das jóias confiadas à sua guarda. Depois, pensara aproveitar a presença do sobrinho. Travara com ele uma grande discussão. A certa altura, quando Gabriel, depois de o insultar, quis ver as jóias, D. Álvares arranhou maneira de provocar um curto-circuito.

Por outro lado, a partida precipitada do sobrinho veio ajudá-lo. Nada mais fácil—pensou ele—do que fazer acreditar na culpabilidade de Gabriel.

Simplesmente... esqueceu-se da campainha e da noite às escuras!

Tribuna do leitor

«ESQJ RAPSAG» PROPÕE:

1.º—Que no caso de haver mais do que um campeão (nos *solucionistas* e nos *produtores*), sejam publicadas as fotografias de todos os que alcançassem esse título, sem necessidade de recorrer a sorteio.

2.º—Quanto ao caso do prémio, obedecer-se-ia ao mesmo critério, cabendo assim um prémio a todos os concorrentes classificados em 1.º lugar, deixando de haver uns privilegiados e outros desprezados pela sorte.

Para isso, sugiro que todos os concorrentes ofereçam um romance policial como prémio para o Concurso.

E gostaria que os leitores se pronunciassem sobre as minhas duas sugestões.

UM COMENTÁRIO POÉTICO DE «ESQJ RAPSAG»

«Cumpr-me felicitar a secção «Mistério e Aventura» pela maneira como se tem imposto, indo aos mais recônditos lugares do Minho e às pitorescas vilas do Algarve, enfim, percorrendo Portugal inteiro num bafo de sedução e de carinho.

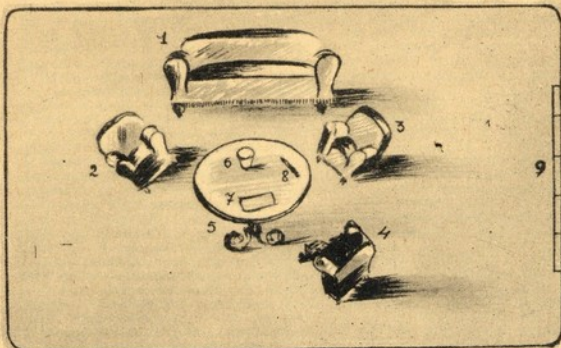
«...Eu posso dizer que se esta secção, por qualquer motivo, acabasse, 100 % do entusiasmo pela revista esfriava, pois nós, o público,

1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

PROBLEMA N.º 3

ENVENENADO!

Original de Leiria Dias—Lisboa



1) Sofá; 2 e 3) Mapes; 4) Maple com o cadáver; 5) Mesinha com... 6) Copo meio de água; 7) Fôlha de papel de carta escrita; 8) Caneta de tinta permanente; 9) Grande janelas com cortinados.

E nada mais disse de interesse. Sôzinho, o inspector ficou a reflectir. Estaria em presença dum suicídio ou duma morte provocada? Andou uns passos. Por fim parou junto da mesinha. No copo—que já mandara analisar—havia as impressões digitais do patrão e do criado. O inspector leu de novo a fôlha de papel escrita. Dizia:

«*Meu caro:—Encontrei aqui no Pôrto o livro de que precisas. Custa, no entanto, a exorbitância de 5.000\$000, pelo que não sei se queres que o compre. Manda-me as tuas ordens para o enderêço do sobrescrito que, junto, poderás utilizar. Teu irmão—A. Pimentel.*»

O inspector Duarte pousou a carta. E os seus olhos começaram a brilhar. Então mandou chamar o velho criado.

—Sei tudo!—afirmou o inspector.—Descobri todo o mistério do caso...

QUESTIONÁRIO

1—Foram verdadeiras ou falsas as afirmações do criado? Por quê?

2—Ferreira Pimentel suicidou-se ou foi vítima de morte provocada?

3—Como e porque descobriu o inspector o mistério da morte do industrial?

4—Como pensa que tenha acontecido o caso?

Nota—Cada resposta vale de 1 a 5 pontos. As soluções de Lisboa devem ser entregues até ao dia 1 de Fevereiro, e as da provincia têm mais um dia para entrega.

(*Ver solução no próximo número*)

esperamos sempre ansiosamente a sexta-feira para deciframos o problema da semana».

ALGUMAS IDEIAS DE «THAOUA»

Seria possível que nas apostas a fazer sobre *Produtores* e *Decifradores* se evitasse o emprêgo do boletim publicado e bastasse a sua cópia—para assim não se cortar a revista?

Pelo menos, talvez pudessem arranjar as páginas de maneira que por detrás do cupão não fique texto de interesse...

Acho que para não apostarmos às cegas nos *Solucionistas*, fôsse publicada anteriormente uma lista de inscrição em cada Concurso Mensal.

CORRESPONDÊNCIA

Alberto de Penamacor (Coimbra)—A melhor resposta para as suas perguntas é a classificação que conseguiu neste primeiro problema da 2.ª série. Parabéns!

Natércia Leite (Lisboa)—Faço votos para que o frio fuja... e o seu bom raciocínio volte. Mas lá diz o espanhol: «Nada de bom princípios»...

Mac E. Leary (Lisboa)—Como vê, trato-o já pelo pseudónimo... caro duplo colega. E chamo-lhe duplo por

termos andado já, juntos, nas andanças do jornalismo mensal, de cultura e recreio, e por nos juntarmos agora... à esqulna do «Mistério e Aventura». Recebi os livros e registei a inscrição. Está tudo bem!

«*All-round Detective*» (Mafra)—Como vês, a tua noiva começou bem. Talvez tenhas sorte com o palpite. Quanto às sugestões, vou estudar o caso de novo.

Leiria Dias (Lisboa)—Só há bem poucos dias recebi o número do «Enigma», de que falava na penúltima carta. Creio que veio com a direcção enganada. Agradeço-lhe muito e sinceramente a idéia do «Concurso Repórter Mistério» nas colunas de «O Enigma». Vou fazer uma notícia... com a sua notícia. Vamos a ver se sairá neste ou no próximo número. Quanto ao resto, conte comigo!

Artur Varatojo (Lisboa)—Há nos seus pontos de vista uma discordância fundamental com o assunto propriamente dito: as apostas devem ser feitas antes dos problemas publicados. Excepcionalmente, neste 1.º Concurso dão-se os problemas como exemplos. Mas, depois... as apostas têm de ser anteriores à «corrida», ou seja anteriores ao Concurso. É assim em qualquer modalidade. Se não... deixam de ser apostas para ser «certezas»!

A. M. S. (Morte Estoril), António Godefray (Queluz), Jomos (Lisboa)—Obrigado pelas vossas palavras!

SISTEMA ORIGINAL DE APOSTAS

Do 1.º Concurso Mensal de «Mistério e Aventura»

Começamos hoje a dar o Registo de inscrições neste Sistema Original de Apostas sobre o produtor e o solucionista, vencedores do 1.º Concurso Mensal de «Mistério e Aventura»

N.º de inscrição	Concorrente	Favoritos		Apostas	
		Produtor	Solucionista	No produtor	No Solucionista
1	Mac B. Learn (Lisboa)	Artur Varatojo	Leiria Dias	China terra de Angústia p.º Rui Sant'Elmo	Os simples por Guerra Junqueiro
2	Mimi Sherloek-Holmes (Lisboa)	Leiria Dias	«All-round Detective»	Quem Matou? por Mário Monteiro	Tres Entorçadas numa corda por Herbert Gibbans
3	Zarathustra (Beja)	Leiria Dias	Alberto de Penamacor	A Morte em Marracos por A. Boyssion	A Pampa Trágica por Albert Bonneau
4					

(Ver continuação na página 16)

Tempestuosa "première" duma peça de grande êxito

(Continuação da pág. 5)

completo. Mas nessa noite em que se estreava o drama «Diogo Alves» não se via na sala do Príncipe Real, pelo menos em grande maioria, como era de esperar, aquêde público baírrista e modesto que habitualmente o frequentava. Pelo menos os melhores lugares da platéia, camarotes de 1.º ordem e parte dos de 2.º, ocupavam-nos numerosas pessoas que então marcavam alta posição na aristocracia, nas letras, na Arte, no jornalismo...

Gervásio achava-se com sua família e a do autor da peça num camarote a meio da 1.º ordem, à direita do espectador.

As 8 e um quarto precisas, terminados os últimos acordes da orquestra, ergue-se o pano de boca.

«Tens no teatro alguma da melhor gente de Lisboa!» segreda Gervásio, muito satisfeito, para o cunhado. — Felicitó-te!

«Antes me infelicites!» cicia-lhe, por sua vez, o autor do Diogo Alves.

«Porque dizes isso?» — Interroga Gervásio um tanto mystificado. — «Porque não foi para essa gente que destinei a peça... Espera, e verás...»

Ao cair o pano sobre o 1.º acto, imediatamente da geral, 3.º ordem e galeria estridem calorosas palmas. Mas, erguido de novo o pano, e mal surge em cena a figura do excelente Diogo Alves — dêsse que, depois de roubar, atirava as suas vítimas dos Arcos das Águas Livres abaixo! — troca, bruscamente, os aplausos por uma pateada tremenda!

Já afeito a essa velha praxe sentimental, João Gil sorri, tira o barrête e inclina-se, agradecido...

Pano abaixo. Volta o mesmo público a palmar, com fervor. Todavia, nessa altura, dos lugares ocupados por «senhores de fraque e plastrons», sopram insistentes: «Schlu! Schlu!...»

Reaberto, porém, o pano, além dos interjectivos «susurrários», os «senhores de elegante vestuário» batem fortemente no chão com as pontelras das suas bonitas bengalas. Então a gente dos lugares modestos contra-ataca com viva energia, e nessa attitude se mantém — apesar de estarem em cena: o Diogo Alves, o Belco-Rachado, o Pé-de-dança e os demais quadrilheiros... que tanto mereciam o castigo exemplar da sua pateada sentimental!

Definem-se os partidos, e ambos querem levar a melhor. A «claque» julga asado o momento para chamar o autor. João Gil e Ernesto do Vale (o admirável Pé-de-dança), precipitam-se para os bastidores, a procurá-lo. Ele, todavia, escusa-se, não aparece. Isto provoca mais «chamadas», protestos, berros; cruzam-se diálogos contra os «senhores de fraque»... e consequente desafronta dêsstes com imposições de silêncio e arrastamento de pés...

No final do 2.º acto, e como o autor persiste em não vir à cena, há novo borborinho, nova trovoadal! O intervalo decorre antídamissimo. Discutem-se pelos corredores as diversas manifestações do heterogêneo público... Um claqueur esmurra, em pleno salão, certo espectador que exorbitara nas suas censuras acerca da peça, do desempenho e até do empresário.

Entretanto, dirige-se ao palco a visitar o autor, meia dúzia de amigos fiéis: Gervásio Lobato, o maestro Augusto Machado, o grande Rafael Bordoal Pinheiro, D. João da Câmara, o jornalista Rafael Ferreira, e, se não estivesse em erro, Abel Botelho, Jaime Vitor e Acácio Antunes...

«Vejo que os meus amigos (exclama o autor, abraçando-os) compreendem, como eu, que o meu modesto trabalho não o destinei para certo número de espectadores que se encontram hoje lá fora, na sala, mas para os que habitualmente a frequentam, ou, direi melhor, para os que apreciam este género de teatro...»

De regresso ao camarote, Gervásio — sem ocultar um arzinho pessimista, segredava para o cunhado:

«Ainda estou na minha: a peça ganharia talvez mais se a não tivesses carregado tanto. Há imensas mortes, co'os diabos!»

«Mas nenhuma em cena!» — Mas fora de cena, meu filho, há-de confessar que foste um grande assassino...?!

E Gervásio, com o seu sorriso de eterno bom-humor, concluiu gracejando:

«Numa palavra: parece que ainda matas mais gente que o próprio Diogo Alves!»

A atmosfera, no decorrer do 5.º acto, último da peça, esteve um pouco mais calma. No entanto, soara, de quando em quando, uma pontelrada de bengala ou uma bateladela de tação... Terminado, enfim, o espectáculo e ao estrelajarem na sala de parte de toda a «geral» os primeiros aplausos, simultaneamente dos «outros lugares» rompe um violento contra-ataque, aliás já esperado. Recende-se, pois, o combate entre os dois partidos. O pano sobe, desce, torna a subir, torna a descer...

À boca de cena, os intérpretes principais por vezes avançam, por vezes recuam... Os outros, os figurantes, em extensa fila, ao fundo do palco, mantêm-se, pelo contrário, calmos, imóveis e inexpressivos como estátuas... É violenta a tempestade e é na altura em que ela parece atingir o seu auge, o «beneficiado» (com manifesta intenção de só obedecer aos aplaudentes) traz à cena o autor, levado até junto da ribalta e aí, ostensivamente, perante o público, cinge-o num abraço de amizade e de homenagem!

Esse enternecedor gesto de João Gil (que no papel de «Diogo Alves» realizou, sem dúvida, uma das mais brilhantes criações da sua carreira artística), como que salva, por assim dizer, a situação... isto é, faz afrouxar quasi completamente as manifestações protestantes. E escreveu quasi porque em certo sector da platéia, à direita, por baixo do camarote das famílias Lobato e Eça, ainda um tação ficara a barulhar, a barulhar pertinazmente e rancoroso!

Como é natural, os componentes dessas famílias, não resistindo à curiosidade, vá de se debruçarem a espreitar na ânsia de descobrirem o teimoso pateador... Depressa o reconheceram: era o jornalista J. C. de M. B.

«E ele, não há dúvida!» — confirmou Gervásio, depois de lhe assestar o seu enorme binóculo preto. — Estou espantado... porque até lhe pedi que fizesse lá no jornal o maior réclamo possível a esta première...

Porém, passados alguns minutos, tudo ficava explicado: é que numa «soirée», semanas antes realizada em casa de Gervásio, Eça Leal, acabando de ouvir aquêde jornalista declamar «O Estudante Alsaclano», fizera-lhe a seguinte referência: — «Ele disse o poema, vamos, com apreciável vigor, mas... é pevidoso e, com tal defeito na pronunciação, não há poesia que possa brilhar!»

Ao que parece, isto chegara aos ouvidos do pevidoso declamador de «Estudante Alsaclano» — e, daí, a sua vingança. Entretanto, em nada ela prejudicou a carreira do drama cuja tempestuosa première estou recordando. A partir da 2.ª noite, com a assistência do seu verdadeiro público, o seu êxito, unânime e entusiástico, tornou-se numa definitiva realidade, conservando-se no cartaz do Príncipe Real — com indispensáveis interposições para estreias de mais peças e benefícios marcados — durante perto de quatro anos! Exhibiu-se depois em muitos outros teatros da provincia, dos Açores, da Madeira e do Brasil.

Então, contraposição, o único original que o pateador do «Diogo Alves» conseguiu levar à cena (As violetas, no Trindade), não deu mais que duas ou três representações!

* * *

Nas vésperas da «décima quinta» do Diogo Alves, Gervásio e o cunhado voltaram a referir-se à memorável première daquela peça.

«Vejo agora — penitenciou-se Gervásio — que resultou mal nessa noite, estar no teatro um tão bom assistente. E eu em parte concorri para isso, com a minha propaganda e réclamos...»

«Excelentes as tuas intenções — interpôs com sincera ternura o dialogante. — Mas conta Dumas Filho que um escritor russo, de talento, pediu a sua opinião acerca duma peça que tinha escrito com destino a um teatro de Paris. O autor da «Dama das Camélias» achou-a magnífica. E aceite a peça. Para a noite

EM ALMADA HÁ 7 ARTISTAS QUE

FAZEM INVEJA A HOLLYWOOD

(Continuação da pág. 9)

reira, de 14 anos, empregada de escritório; Maria Luiza Avelar, 15 anos, estudante, saxofone contralto; Maria Ondina Gonçalves Pinto, de 16 anos, estudante; Maria Manuela Avelar, 16 anos, estudante, saxofone tenor. E, por fim, o saxofone barítono: Maria da Conceição Pratas, de 16 anos, modista.

O maestro Leonel Duarte Ferreira, coadjuvado pelos professores Hilário dos Santos Ferreira e Américo Gonçalves Ferreira, fizeram dêsse agrupamento, único em Portugal, um séptimo que, estamos certos, há-de dar muito que falar.

E, agora, para que os leitores façam uma idéa, vamos dizer um programa que aquelas sete gentis raparigas costumam tocar com uma arte e um poder de execução apreciáveis:

«Dia de Festas», de R. Schuman; «Cavalaria Rusticana», de Mascagni; «Os barqueiros do Volga», «Glagounon», «Marcha turca», de Mozart.

E aqui tem, leitor, a história de sete artistas que, se fossem americanas... e não de Almada, já teriam tanto dinheiro que tocariam em saxofones de ouro!

Boas-Festas

Foram muitos os nossos amigos, assinantes, leitores e anunciantes que nos enviaram o seu cartão de Boas-Festas e os votos de um Novo Ano que, ao menos, seja a continuação, no grau de simpatias e êxitos colhidos, de quantos outros «Vida Mundial Ilustrada» já percorreu. A todos, pois, que nos mandaram o seu cartão de cumprimentos, a todos os seus assinantes, amigos, leitores de tôdas as horas e anunciantes, «Vida Mundial Ilustrada» agradece e retribue votos de felicidades.

«Inês de Castro»

(Continuação da pág. 9)

verdade histórica e de perfeito desenho, devem-se a Manuel Lapa, Comba Peres e Cornejo. Toda a documentação artística, incluindo a obra de Korrodi sobre o Castelo de Leiria, os estudos sobre decorações, cenários e adereços foram coligidos por Leitão de Barros que, como autor duma história de arte, pintor e professor, se encontrava particularmente indicado para desempenhar esta importantíssima missão.

Pode dizer-se ainda, sem favor, que foram os seus conhecimentos de arte e da lingua espanhola duas das melhores razões que logo de início o impuseram em Espanha, resultando que sempre dirigiu sozinho os artistas portugueses como os espanhóis. O seu triunfo foi merecido e corresponde a uma preparação intensa de muitos anos.

Quanto a Garcia Viñolas, êsse foi um dos seus melhores colaboradores como accessor literário da parte propriamente espanhola. As escurturas e «maquettes» do filmes foram realidas em Portugal e Espanha sob a direcção do escultor João Fragoas.

Edmundo Lassale

(Continuação da pág. 8)

projectos, da sua expansão. Edmundo Lassale expõe o seu ponto de vista:

«O cinema inglês progride incontestavelmente. Mais: após a guerra será um concorrente temível do cinema americano, porque fala a mesma linguagem e age no mesmo campo de acção. Penso que essa concordância será benéfica para o futuro da Arte e da Indústria. Mas Hollywood tem o segredo, a fórmula segura para fazer sempre dum filme um espectáculo popular. O cinema britânico ainda a não encontrou. As películas inglesas, dum modo geral, dirigem-se a sectores mais elevados. Dessemos a Avenida. Olhamos o cartaz do Tivoli: «Um Barco e Nove Destinos». Edmundo Lassale anota:

«Talulah Bankhead! Que grande, que extraordinária artista! O que ela passou para interpretar êste filme. E ante a nossa estranheza, explicou:

«Como sabem, a película desenrola-se inteiramente a bordo dum salva-vidas. O filme foi quasi todo realizado no estúdio, com admiráveis efeitos de «transparencia», aliás. Para dar a ilusão do movimento do barco sobre as ondas, aquêde foi montado sobre um maquinismo complicado, que lhe imprimia os movimentos necessários à ilusão. E os pobres artistas «enjoavam» todos os dias, como se vagassem sobre os mares, à procura dos próprios destinos! Pobre Talulah Bankhead, o que ela sofreu! Há quem refira o êxito de «Sinfonia das Estréas». E Edmundo Lassale, a propósito de Carmen Miranda, conta-nos a «boutade» de Jack Warner: «Depois que vi a Carmen Miranda, naquele filme — nunca mais pude comer bananas.»

coando, o russo corre a procurar Dumas Filho:

«D'écidément, cher Maître, c'est trop difficile d'être Parisien!»

«Pardon, Monsieur, vous avez su faire une pièce, vous n'avez pas su faire une salle, et il vaut quelques fois mieux, pour une première, avoir bien fait sa salle qu'avoir bien fait sa pièce.»

TOMAS D'EÇA LEAL

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZ!

da estreia, o jovem dramaturgo, doublé de diplomata, enche o teatro com inúmeras pessoas da sociedade elegante com a qual se dava. Essa gente, porém — fria, reservada, por imposição dos seus hábitos e preconceitos protocolares — evita, quanto possível, manifestar-se em publico... E a linda peça do jovem escritor russo, recebida silenciosa e glacialmente, cai, sem remédio, pelo buraco do ponto abaixo!... Afliito, descoro-

Nem todos os micróbios são maus!

HOJE, não há quem não tenha ouvido falar em «micróbios», esses minúsculos e traçoetros seres que, em multidões invisíveis, povoam a terra. A população do globo é, hoje, de cerca de um bilhão e setecentos milhões; mas os micróbios atingem números junto aos quais a população do mundo é desprezível. Um centímetro cúbico de altura pode contar muitos milhões de micróbios.

Há micróbios que invadem o nosso organismo, produzindo grande número de doenças; há outros que não são nossos inimigos, mas auxiliares indispensáveis. Em geral, porém, poucas pessoas se lembram ou sabem os benefícios que muitos micróbios trazem aos homens, dando-lhes, até, a ganhar somas consideráveis de dinheiro.

Desde que António von Leeuwenhoek descobriu o mundo dos micróbios através das suas lentes, aí por volta de 1670, quantas coisas maravilhosas não se descobriram no universo invisível!

Os micróbios alimentam-se, respiram, segregam certas substâncias, reproduzem-se e morrem. Muitos movem-se; outros produzem calor, luz, etc. Certos micróbios necessitam de oxigénio; para outros, o oxigénio do ar é um verdadeiro veneno. Todos estes seres desenvolvem a sua máxima actividade entre limites óptimos de temperatura: os que vivem na terra ou na água vivem bem à temperatura de 20°; os que produzem enfermidades prosperam entre 34° e 40°, temperaturas dos corpos dos animais de sangue quente. Podem resistir até temperaturas de 130° abaixo de zero, mas, pelo contrário, suportam mal o calor elevado. A luz tem sobre os micróbios uma acção enérgica: mata-os em poucas horas ou torna-os inofensivos.

A cor esverdeada das águas estagnadas é devida à presença de milhões de organismos, cada um dos quais, isoladamente, é invisível. O colorido das águas do Mar Vermelho tem a sua origem em miríades incontáveis de plantas microscópicas. A decomposição das substâncias mortas é, em grande parte, devida aos micróbios. O cheiro característico de um campo que acaba de ser cultivado é produzido pelas inúmeras bactérias do solo. O cheiro da maresia nas praias, nos bosques úmidos, dos estábulos, da terra depois da chuva, são todos de origem bacterial.

Muito admirados ficaram os apreciadores do bom vinho, sabendo que o «bouquet» é causado por enxames de microorganismos que viveram no mosto, e é bem possível que o delicado aroma de um charuto proveha das bactérias das folhas do tabaco.

O gosto da manteiga depende, em grande parte, das bactérias que habitaram o leite no período entre a ordenhação e a desnatção. Há bactérias causadoras de bons sabores, como vinhos, mas há outras, também, culpadas de gostos desagradáveis. Por este motivo, na fabricação da manteiga, de acordo com a ciência, é costume esterilizar-se o leite logo após a ordenhação, para em seguida adicionar-lhe uma cultura de microorganismos produtores de bom sabor.

Também o cheiro e o sabor que permitem distinguir os diversos queijos, e até a formação dos «buracos», depende das bactérias e fermentos que nêles proliferam durante o amadurecimento. As características dos queijos das diversas regiões, como as dos vinhos, são devidas ao facto de haver, conforme os locais, diferentes «raças» ou «criações» dos microorganismos apropriados.

O vinagre é produzido pela acção das bactérias que convertem o álcool em ácido acético. A massa viscosa, chamada de «mãe do vinagre», é formada por esses micróbios.

Mas, de entre todas as utilidades de certos micróbios, há que pôr em relevo os responsáveis principais pela putrefacção. Sem êles a vida seria impossível. Se tudo o que morre ficasse perfeitamente conservado, fazendo como um cadáver na superfície do solo, não haveria lugar para os vivos. A putrefacção dá espaço aos vivos e restitue energia e alimentos necessários à vida!



MICRÓBIOS

Micróbios de importância económica: 1 — Duas das muitas espécies de micróbios que transformam o vinho em vinagre; 2 — Uma bactéria dotada de flagelos vibratórios que rneifica a manteiga e outras gorduras; 3 — Um fermento láctico. 4 — Micróbios que produzem a fermentação da cerveja; a levedura da cerveja. 5 — O fermento búlgaro, outro fermento do leite: micróbios inimigos dos homens. 6 — Bacilos causadores do tifo. 7 — Treponema da sífilis. 8 — Trepanossoma gambiense, que dá origem à doença do sono.

Quantas calorias gasta um desportista?

O consumo horário de energia do ser vivo é aproximadamente de 100 calorias. Este número varia muito, conforme os indivíduos e as suas ocupações. Um jogador de «ping-pong», por exemplo, gasta 312 calorias por horas. Já o caminhar à razão de 5 quilómetros por hora exige um dispêndio de 300 calorias horárias. Andando 7 ou 8 quilómetros por hora, o gasto sobe a 650.

Um ciclista gasta cerca de 600 calorias por hora em corrida, ao passo que um nadador, a 3 quilómetros por hora, disputará 624.

O alpinismo é o mais violento de todos os desportos. A escalada de uma montanha de 4.000 metros exige nada menos do que 767 calorias por hora.

Claro está que, para gastar energias no desporto, além das que já gasta no exercício da sua profissão, cada indivíduo deve ter uma boa alimentação, viver em boas condições de higiene e... ter tempo para se dedicar ao desporto.

A descoberta de um vendedor de sorvetes

UM vendedor ambulante de sorvetes descobriu que a campainha da sua bicicleta produzia um tinido rangente ao entrar em contacto com o gelo seco.

O facto foi levado ao conhecimento da doutora Mary Waller que estudou cuidadosamente o fenómeno descoberto pelo homem dos sorvetes.

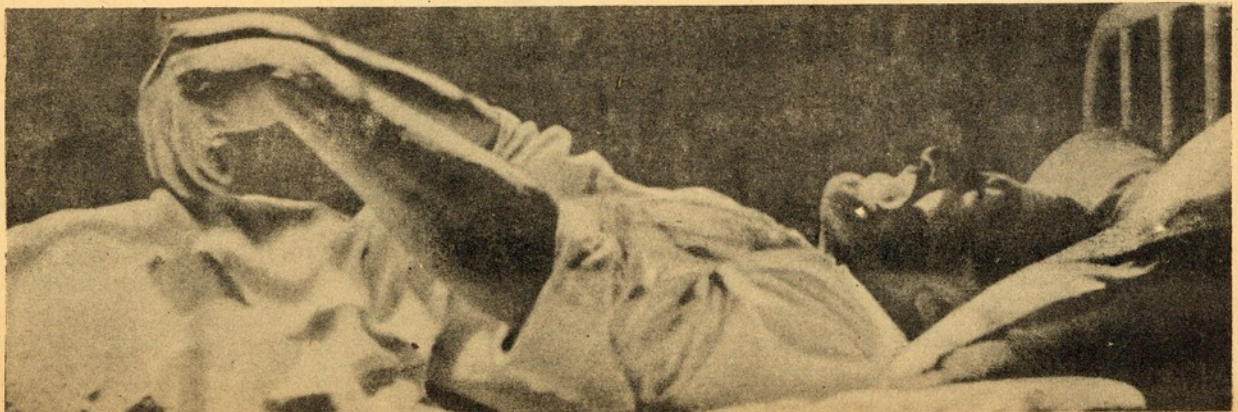
A investigadora verificou ser pos-

sível explicar o facto, admitindo que a energia necessária à produção do som é fornecida pela transferência do calor do metal para o gelo mais frio, e que a eficácia desta última substância em causar vibrações é devida ao facto de passar rapidamente do estado sólido ao gasoso, originando assim consideráveis pressões de gás.

Daqui foi logo tirada uma técnica de grande valor. Os brilhantes e as pérolas podem ser imediatamente distinguidos das suas imitações. As substâncias verdadeiras emitem um guincho especial quando tocadas com anidrido carbónico sólido. Pelo mesmo processo é possível diferenciar uma lente de quartzo de uma outra feita de vidro.

Contra a loucura

A esquizofrenia é uma doença que desarranja o cérebro. O pensamento torna-se incoerente e não está em relação com os sentimentos e a actividade. Hoje, ensalam-se dois novos métodos de cura, para a esquizofrenia: a «insulinoterapia» e a «cardiazolterapia». O tratamento com insulina é devida a Sakel e origina reacções do tipo da epilepsia. Na 1.ª foto vê-se o médico injectando insulina num doente; na segunda, um aspecto das dramáticas reacções provocadas, que passam por diferentes fases: estremecimentos, espasmos, sacudidas tónicas, acessos epilépticos.



ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

Móveis
Decorações

V.M.

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

ARMAZENS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.^{DA}

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 28551

PHILIPS



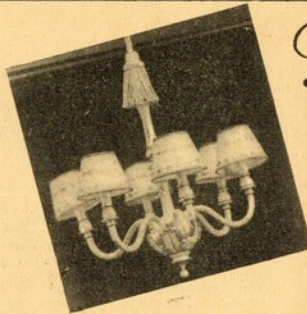
1945

SONORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Rádio Luz

Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa

Tel. 24888



Decore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS BOAS CASAS

FABRICANTE C. MILLER

6, RUA EDUARDO COELHO, 8 ~ LISBOA ~ TEL. 28813

CASA
REGIONAL



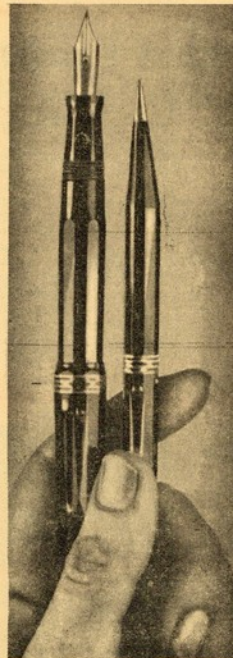
AS MAIS LINDAS COLEÇÕES DE BORDADOS
EM LINHO ORGANDI E TULE
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL. 25974

PEÇA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
«HORUS» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.^{DA}

FABRICA: TRAY, DAS ÁGUAS QUAS, 11
TELEFONE 58.481
RUA FÁBRICA DA PÓLVORA, 22-A
TELEFONE 41.481
LISBOA



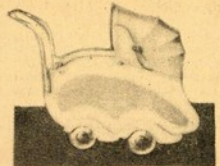
CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

Conserta-se com garantia absoluta

CHACO, L.^{DA}

R. da Palma, 271 - Telef.: 28656



CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS

ARTIGOS DE CASA DE
BANHO, TELEFONIAS,
CANDEIROS E UTE-
NSÍLIOS ELÉCTRICOS
DOMÉSTICOS

A PRONTO E COM FACILI-
DADES DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.^{DA}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.^º
LISBOA - TELEFONE 2 6713

Atende-se a província

ITINERARIO PITORESCO

As Três Graças de Lourenço Marques

Em Lourenço Marques, chamam as «três graças» às três surpreendentes paisagens do Umbeluzi, do Namaácha e do Marracuene, que parecem feitas apenas de beleza e de poesia.

Já alguém escreveu — e com razão:

«Não há pintores em África, nem há poetas! Que, se os houvesse, que rol de assuntos e de inspiração se uniriam para os colorir e para os cantar».

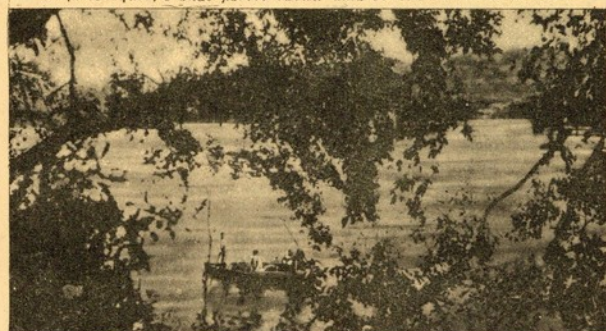
É verdade! A beleza de África, os aspectos maravilhosos de Moçambique, as três prodigiosas graças de Lourenço Marques, o Umbeluzi, o Namaácha e o Marracuene aqui ficam para o atestar.



Nas margens do Umbeluzi há recantos como este, duma tranquilidade tão grande e dum encanto tão intenso, que a própria vida parece parar por momentos.



Éis um dos mais agradáveis retiros de Marracuene, e onde parece existir uma verdadeira névoa de sonho.



É, finalmente, um trecho delicioso desse delicioso Incomati, o rio poético das águas brandas...



OS SKAI DA MALÁSIA

OS «esakai» vivem na Península de Malaca. São fortes, astutos, mas tranquilos e tímidos. Constituem um povo riquíssimo de pitoresco, pelos seus usos e costumes, ainda bastante primitivos.

Um dos grandes exercícios a que se entregam é a pesca, à qual se dedicam desde garçotes.

Para as raparigas, os «esakai» têm uma educação (?) rigorosa e, como se vê pela foto que publicamos, ainda muito jovens as raparigas são já «ximilas nas difíceis e complicadas danças da sua terra».



Foi este o caminho de CORTEZ, o conquistador do México

GUIANDO-SE por crónicas oficiais, Luís Marten juntou testemunhos de vistas e trabalhos dos historiadores mais actuais, a fim de conseguir correr, passo a passo, todo o roteiro seguido, há mais de quatrocentos anos, por Cortez e pelos seus destemidos soldados, desde as planícies tropicais de Vera Cruz até às neves do Popocatepeti, 5.420 metros acima do nível do mar, depois de terem conquistado o México para os reis de Espanha.

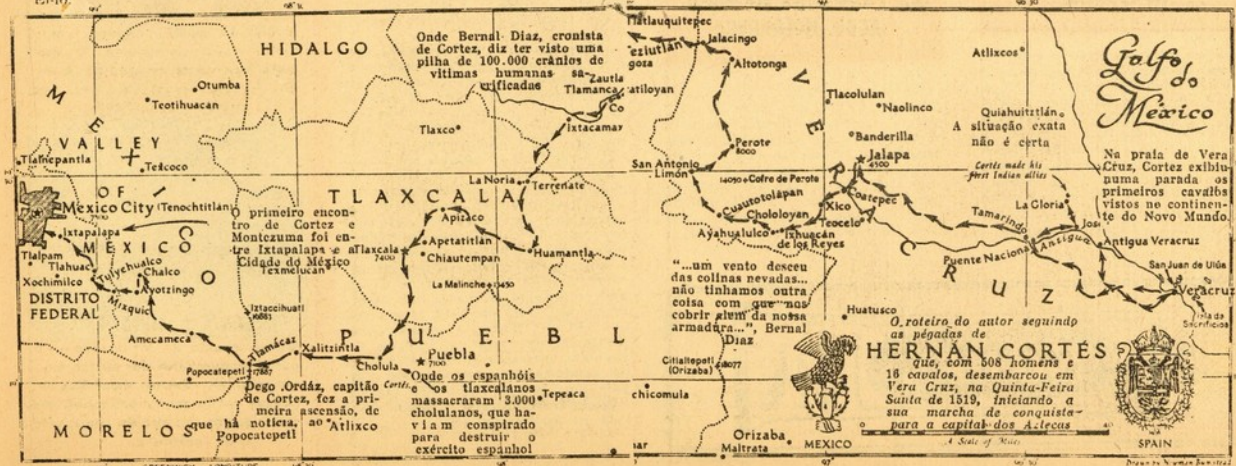
Dessa viagem, pitoresca e histórica, a um tempo, Luís Marten traçou um curioso mapa que retrata, na verdade, fielmente, o caminho de glória e de sangue percorrido por Cortez.

Ele próprio nos diz:

«A sessenta milhas da costa já se avistava o pico nevado de Orizaba, a montanha mais elevada do México, pairando, indeciso e fantasmagórico, no ar úmido do alvorecer. Destacado do horizonte, ele pendia muito acima, sobre o golfo do México, como um desses pináculos alvo-prateados que se elevam nebulosamente no fundo dos velhos rãos japoneses. Assim deve ter aparecido ao rude Hernan Cortez e seus 508 soldados aventureiros, naquela quinta-feira santa, há mais de quatro séculos, quando lançaram ferro ao largo das escaldantes dunas de areia, onde hoje está Vera Cruz.

...Examinando velhos documentos e histórias, consegui traçar o roteiro seguido pela cavalgada conquistadora.

El-lo:



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

A aplicação das leis raciais na Holanda provocou uma atitude de oposição clara por parte do povo deste país. O número de judeus existentes nos Países Baixos à data da ocupação não era muito elevado. Numa população total de cerca de nove milhões de indivíduos, calcula-se que o número de judeus, em Maio de 1940, não excedia cento e oitenta mil. Mas o anti-semitismo nunca teve entre os holandeses, de qualquer classe ou categoria, simpatias de nenhuma espécie, e naquele país os judeus foram sempre tratados em pé de igualdade com os restantes cidadãos. Esta atitude era, de resto, uma consequência das próprias prescrições da igreja cristã que não faz nenhuma distinção entre povos por motivos de raça ou de cor. A Constituição holandesa aplicara estes princípios fundamentais ao domínio político e social, estabelecendo a perfeita igualdade entre todos os holandeses.

Os alemães não ignoravam que a tolerância religiosa e racial era uma característica predominante na vida da nação holandesa. Conheciam a relutância instintiva com que os holandeses sempre receberam as notícias relativas aos movimentos e manifestações do anti-semitismo que se produziam noutros países. Não é assim de estranhar que as autoridades de ocupação tenham tomado medidas excepcionais de precaução antes de tentarem aplicar na Holanda as medidas raciais que no seu país constituíam um dos fundamentos imutáveis da legislação e da doutrina do regime nacional-socialista. Por isso as medidas iniciais tomadas na Holanda em matéria de anti-semitismo foram relativamente brandas e só se agravaram à medida que a ocupação se prolongava e se ia fixando o critério de que o território holandês devia, no futuro, fazer parte integrante do grande Reich. Estas precauções compreensíveis não evitaram, porém, que a reacção dos holandeses contra as discriminações de tipo racial ou religioso se produzissem também com um vigor crescente, o qual se afirmava à medida que o rigor das medidas de repressão aumentava também.

AS MEDIDAS CONTRA OS JUDEUS

Em Setembro de 1940 as autoridades de ocupação promulgaram as primeiras medidas contra os judeus. Essas medidas iniciais diziam apenas respeito à interdição do ritual com que nos matadouros se abatiam as rezes e ao afastamento dos judeus dos mercados de Amsterdão. No mês seguinte foi publicado um decreto que proibia a entrada de judeus na carreira burocrática ou o seu recrutamento para quaisquer serviços que

estivessem relacionados com a vida e a actividade do Estado.

A primeira reacção contra estas medidas partiu das igrejas protestantes. Em Novembro, as grandes empresas particulares foram proibidas de terem judeus em funções de confiança ou responsabilidade, e no mesmo mês foram afastados dos postos que ocupavam no ensino superior alguns professores eminentes de raça judaica. Os meios académicos protestaram contra esta decisão, e deram ao seu protesto uma forma violenta.

Nas Universidades de Leyde e Delft, especialmente, registaram-se incidentes de certa gravidade. O reitor da primeira destas universidades fez um discurso público para exteriorizar a sua indignação e foi, por esse motivo, preso. A notícia de que aquele funcionário havia sido enviado para um campo de concentração determinou novas manifestações, e o encerramento dos dois estabelecimentos. A Universidade de Delft reabriu mais tarde as suas portas, mas a de Leyde não voltou mais a funcionar.

As semanas e os meses que se seguiram trouxeram um agravamento incessante da situação. Aos judeus foi sucessivamente proibida a entrada em casas de espectáculo e em estabelecimentos públicos e foi-lhes aplicado com excessivo rigor a regra do «Numerus clausus» no acesso às escolas superiores. Os nomes de judeus holandeses não puderam mais figurar nas listas de poderes de sangue.

Em Fevereiro de 1941 o rigor crescente destas medidas provocou um recrudescimento nos protestos que já se faziam ouvir há muito. Produziu-se na Holanda uma verdadeira revolta, sem dúvida a mais grave que as autoridades de ocupação tiveram de enfrentar naquele país. Essa revolta tomou proporções inesperadas em Amsterdão, onde o bairro judeu foi assaltado, efectuando a polícia numerosas prisões. Os operários de Amsterdão proclamaram a greve geral e a população organizou cortejos nas ruas pedindo a libertação dos judeus presos. A insurreição foi sufocada com o auxílio de metralhadoras e granadas de mão.

OS PROTESTOS DA POPULAÇÃO HOLANDESA

Em seguida (12 de Março), o Comissário do Reich, dr. Seyss Inquart, fez uma declaração formal a respeito da situação dos judeus holandeses, dizendo, entre outras coisas, o seguinte: «Não consideramos os judeus holandeses como fazendo parte do povo deste país. Consideramo-los como inimigos, e não desejamos concluir com eles qualquer armistício

ou paz. A única coisa que poderemos encerrar é o arranjo duma situação transitória que seja suportável para eles». Esta linguagem era bastante significativa quanto às verdadeiras intenções das autoridades de ocupação em relação aos judeus holandeses.

Nos meses seguintes, as medidas anti-semitas não deixaram de se agravar. As prisões efectuadas em Amsterdão foram seguidas das primeiras deportações de judeus. Pouco a pouco estes foram privados de todos os seus direitos e regalias. Foi-lhes aplicada a obrigação de usarem a estrela amarela como indicação da raça a que pertenciam. Foi-lhes proibido completamente frequentarem todos os recintos públicos e utilizarem qualquer meio de transporte colectivo. Finalmente, foram-lhes retiradas as bicicletas que quasi todos utilizavam para se deslocarem.

As empresas em que estavam representados capitais ou interesses judaicos foram confiscadas. Em Agosto de 1941 foi publicado um decreto que obrigava os judeus holandeses a depositarem todo o dinheiro ou valores que possuíssem num determinado Banco de Amsterdão. Nenhum judeu foi autorizado a ficar com quantias superiores a mil florins. Por último, a presença dos judeus nos armazéns e estabelecimentos de géneros alimentícios passou a ser rigorosamente condicionada. Os judeus só podiam fornecer-se nesses armazéns e estabelecimentos da parte da tarde, em horas a que geralmente já nada havia néles para comprar.

Estas medidas repressivas, de um rigor crescente, determinaram um movimento cada vez mais vigoroso e expressivo da população holandesa em relação aos judeus que passaram a ser objecto de medidas significativas de solidariedade e compreensão por parte dos holandeses de todas as classes e categorias sociais.

AS ÚLTIMAS MEDIDAS ANTI-SEMITAS

Em Julho de 1942, perante a simpatia evidente com que a população do país acompanhava a situação dos judeus, as autoridades de ocupação reconheceram a impossibilidade de realizarem os seus objectivos enquanto os judeus continuassem na Holanda. Por isso se intensificaram nesse mês as prisões e as deportações em massa de judeus holandeses que, na sua quasi totalidade, foram transportados para os «ghettos» da Polónia.

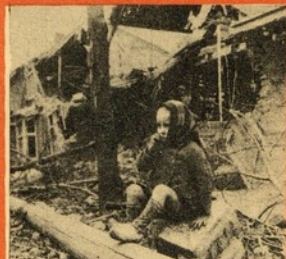
Naquele mês foi determinado que todos os judeus holandeses, qualquer que fosse a sua residência, deveriam ingressar urgentemente em três bairros da cidade de Amsterdão especialmente preparados para esse efeito. Em 15 de Julho as autoridades de ocupação dirigiram-se a esses bairros e dividiram os judeus em grupos de seiscentos indivíduos. Estes grupos iam recebendo sucessivamente ordem para comparecerem com as suas bagagens naturalmente rudimentares em determinada estação de caminho de ferro onde comboios especiais os conduziam para leste.

O número dos que se recusavam a acatar estas ordens foi aumentando à medida que se revelava o destino dado àqueles que partiam. Mas as medidas de precaução e repressão tornaram-se mais enérgicas, o que impediu praticamente todas as tentativas de fuga. O adjunto do Comissário do Reich, dr. Schmidt, anunciou um mês depois de começarem a ser aplicadas estas medidas que as autoridades de ocupação contavam ter resolvido o problema dos judeus holandeses até ao fim daquele. Efectivamente, as providências tomadas nesse sentido não deixaram de se aplicar durante os meses que decorreram até final de 1942. O começo de 1943 viu, portanto, liquidada definitivamente a questão judaica na Holanda, mas este facto não deixou de produzir entre a população do país uma penosa impressão que se não desvaneceu com o tempo nem com os acontecimentos.

(Continua)



A família real holandesa, reunida no Canadá, foi assim fotografada, vindo-se, ao centro, de pé, a rainha Guilhermina.



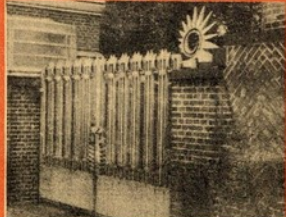
No Holanda libertada, não foram as crianças as menos acoidadas pelo destino trágico da guerra. Esta, em Breda, no limiar da casa destruída, não será uma expressiva legenda da Europa de hoje?



Em Tilburg, as tropas regulares holandesas e aliadas fizeram ainda muitas prisões, vindo-se os soldados detidos com as mãos na nuca.



«Leidsche Gracht» — Amsterdão. Eis um dos mais movimentados locais do porto, algum tempo ainda antes da guerra. O que resta hoje deste recanto do mundo — assinalaram-no, até, os comunicados oficiais.



Outro aspecto de Amsterdão — a porta monumental dos carros municipais, de carros eléctricos — porque estão municipalizados, na Holanda, os serviços de transporte colectivo.



ELA AINDA TINHA OUTROS SEGRÊDOS...

QUANDO ela entrou na crte de Versailles, altiva e ingnua, sonhadora e sincera, sentiu-se quási alarmada. O rei Sol escolheu-a para mulher do seu irmão Filipe de Orleans. A honra era grande mas o desapontamento que a esperava foi ainda maior.

Ao deixar a vida pacifica de noites calmas, onde escutava as baladas do Reno, a princesa Isabel Carlota, filha de Carlos Luís Kurtust, sofreu uma espécie de estranha angústia como a que por vezes sentimos ao olharmos locais onde não mais voltaremos. Mas o senhor da França esperava-a para a entregar a seu irmão e ela saberia cumprir a sua promessa. Lançou um último olhar pela sua espaçosa alcova e partiu resoluta.

Lá, onde o esposo Filipe de Orleans a esperava, tudo lhe pareceu irreal, impossível. Acabava de trocar a ingenuidade da sua vida passada pela maldade, pela intriga; a simplicidade pela ambio; a franqueza pela adulao, pela inveja, pelo ódio.

Isabel Carlota sofreu, decerto, um profundo desgano. Mas o maior de todos, aquele que mais a abalou e iria modificar inteiramente a sua vida interior, foi a decepo que sofreu com o marido. Filipe de Orleans era muito diferente de Luís XIV. E a princesa que julgara encontrar em Filipe a imagem do Rei-Sol, apenas deparou no seu caminho com um homem feio, bebedor, amigo do jôgo e inimigo de mulheres. O seu desgo foi profundo, intenso. Mas Isabel Carlota — a «Lislotte», como lhe chamavam na crte — soube realçar com energia e altivez o seu sonho desfeito. De seus lábios jamais saiu uma queixa ou um murmúrio de enafado. Criou um sorriso amável para tda essa crte irrequieta que sempre lhe mereceu desprezo. E desabafou apenas com os seus, que continuavam longe, em longas e tristssimas cartas. Cartas que julgara jamais fôssem lidas pela crte de Versailles. Cartas que eram as suas únicas confidtes, as suas únicas amigas. E, assim, ninguém ficaria suspeitando que aquela altiva rapariga que cavalgava com arrogância nas caçadas e dirigia, por vezes, frases lisonjeiras, era a mesma que, szinha, ficava recordando os seus sonhos de menina, perdidos na baldrdia da crte francesa. Depressa, porém, a princesa Isabel Carlota se convenceu de que não era apenas desgano que o seu corao alimentava. Outro sentimento veio juntar-se aos que ela tão secretamente escondia: uma aversão profunda por «Madame de Maintenon», a favorita do Rei Sol. Mas um dia, porém, já muito tarde, ela teve conhecimento de que tôdas essas cartas, tão queixosas, tão sentidas, tão cheias de ódio e desprezo, simultaneamente, pela favorita do rei, tinham sido tôdas lidas pelo «gabinete negro» antes de serem enviadas ao seu destino.

Então, mais uma vez a cunhada do rei se sentiu ferida no seu orgulho. Todo o seu enorme esforço ficara baldado, perdido! Em vo tentara sorrir para esconder altivamente a sua desilusão tremenda, o derruir de tantos sonhos, a sua vida sem carinho, nem conforto...

Fra a própria «Madame de Maintenon» que um dia lhe gritara, gargalhando nervosa, o contudo de tantas das suas cartas. Ouvindo-a, a princesa teve apenas um pequenino tremor de lábios enquanto as pálpebras desciam lentamente, velando assim um fulgor estranho dos seus olhos claros. Mas foi apenas um momento. Um momento fugaz, embora doloroso. De novo os seus olhos enfrentaram o olhar zombeteiro da favorita do rei. De novo o seu porte distinto e ativo fz calar a zombaria nos lábios de «Madame de Maintenon». E voltou-lhe as costas.

Porém, ao entrar szinha nos seus confortáveis aposentos de Versailles, o corao batia-lhe com violência, as mãos tremiam-lhe ligeiramente e aos lábios subiam-lhe palavras de desespero. Afinal, todos sabiam que fra infeliz, que eram falsos os seus risos e quanto valia o seu desprezo pela mulher que mais a odiara. Tudo em vo! Tda a sua alma devassada por um punhado de gente estranha!

Porém, os seus lábios contraídos foram-se abrindo pouco a pouco num sorriso de íntima consolao: não, nem tda a sua alma tinha sido devassada porque nem ela própria tivera coragem para a desnudar. Havia ainda muito que ninguém sabia, ninguém mais poderia saber, e que constituía o seu verdadeiro segredo. Segredo causador do ódio  favorita do rei, mas seu único companheiro nas horas de insnia e de deslmo: o seu triste sonho de amor! Amor recalado, escondido, combatido! Que pobre amor sem esperança pelo seu rei e senhor — o elegante Luís XIV!...

MARIALIA

Algumas opiniões para as leitoras

— Talvez que na sua casa não haja uma grande etiqueta no serviço de mesa, por exemplo. Todavia, quando você recebe uma visita, vê-se afilta porque a criada não está correctamente, isto , atrapalha-se com a cerimnia da última hora, colocando mal a dona da casa e dando m conta de si, pelo que terá de estar sempre a ser alvo de observações. Fois tudo isso se evitar facilmente se, uma vez por semana, você quiser transformar a sua sala de jantar num curso prático de bem servir  mesa. E, então, iniciar a sua criada em todos os segredos. Vesti-la- com o uniforme da casa —  sempre mais bonito o vestido prto e o avental branco — ensinar-lhe- a ordem por que deve apresentar a travessa aos convivas, que deve tirar os pratos pela direita e servir pela esquerda, que a travessa se coloca sôbre um aparador e a criada fica atenta para a oferecer de novo mal o prato se esvasia, que antes de servir a sobremesa se levantam a mesa todos os copos, pratos e pedaços de pão da refeio, que as taças para lavar as pontas dos dedos se apresentam antes do café — tudo, enfim, que constitui o segredo de uma mesa bem posta, bem servida.

Não procure toliettes complicadas para as horas de trabalho. Seja prática, porque será também mais elegante. Do mesmo modo, não gaste o seu ordenado nas prestações de um casaco de peles ou de outras coisas que estão muito fora do seu orçamento e, até, vamos lá, da sua posio de empregada. Prefira empregar o dinheiro das peles no conforto da sua casa e na sustancia da sua mesa — porque não há felicidade maior do que ter uma alimentao de acôrdo com o nosso organismo e uma casa convidativa pelo bem-estar que nos ofereça!

O leite  um excelente alimento mas  preciso ter cuidado com o modo de o ferver, porque o leite apenas entra em ebulio, como o vapor encontra dificuldade em atravessar a massa líquida, forma rpidamente grande quantidade de espuma, aumenta de volume e transbordada. De modo que, mal levanta,



Os nossos MODELOS

1 Casaco em l verde garrofa com nervuras a todo o comprimento do corpo. A cintura  apertada por um cinto largo da mesma fazenda.

2 Casaco a três quartos em l  riscas pretas e cinzentas. A manga  larga e apertada no punho. Na cintura, um cinto de camurça preta aperta-o ligeiramente.



Respondendo às leitoras

ESPERANÇA GONZALEZ (Braga) — Brevemente enviarei para o hotel — caso não venha aviso em contrário — o desenho pedido.

MARITZA — Li com ateno a sua longa carta. Não creio que o seu caso seja desesperado. Creia que será com prazer que lhe enviarei uma resposta particular com a minha opinião. Mas para onde, boa Maritza?

MITUCHA — Continuo a tratar do seu caso. Não encontrei ainda o que desejamos porque espero conseguir tudo sem dispêndios desnecessários. A Anisabel recebeu o beijo que lhe enviou. Obrigada.

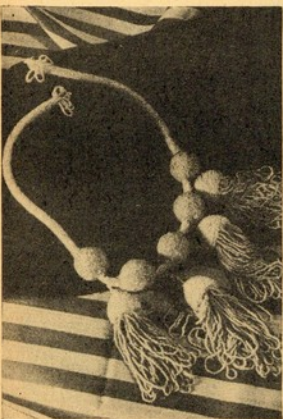
 conveniente mex-lo para «confirmar» a fervura. E, se quiser evitar que o leite «talhe», adicione-lhe um pouco de bicarbonato de sódio que, saturando o ácido láctico  medida que se forma, pode demorar a separao dos coágulos.

Para conservar limpas, também, as molduras dos quadros, principalmente as douradas, existe um meio muito simples e prático: aplicar uma cebola cortada com que se esfrega a moldura. Este meio de limpeza tem a grande vantagem de afastar as mscas, as maiores inimigas das molduras.

A RECEITA DA SEMANA

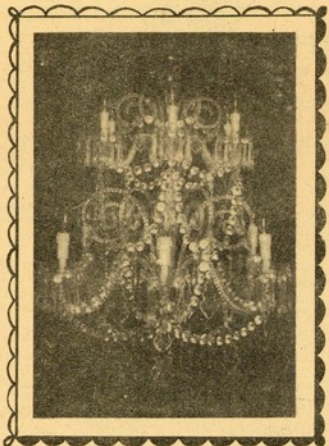
ROSQUINHAS DE MANTEIGA

Eis um bom «lunch», econmico e fácil de execuo. Estas rosquinhas de manteiga são excelentes tomadas com chá, café, leite ou qualquer outra bebida. Basta, para as obter, conseguir juntar uma chávena cheia de nata de leite. Depois... mistura-se um ovo inteiro, uma colher de manteiga e farinha de trigo  nata do leite temperada com um pouquinho de sal. Amassa-se tudo muito bem até formar uma massa lisa e de consistência capaz de ser enrolada. Com as mãos polvilhadas de farinha, fazem-se então as rosquinhas bem finas e pequenas que se levam ao forno em tabuleiros bem untados de manteiga.



Originalssimo e gracioso colar feito em missanga prateada, dourada ou noutro tom qualquer. Modelo enviado há pouco tempo para Portugal, e que de certo vai obter uma grande aceitao das senhoras elegantes.

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



ERA REALMENTE
UMA CASA LINDA
E CONFORTÁVEL
QUE PODIA HOJE
ESTAR RECONSTRUÍDA
SE ESTIVESSE SEGURA
NA

★ **ULTRAMARINA** ★

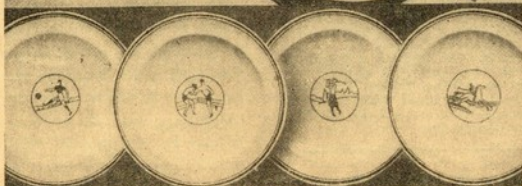
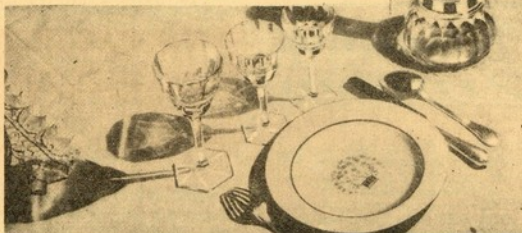
RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9



FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA



INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

BAUME BENGUÉ

*e a vida continuará
NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHEM
OS MOVIMENTOS*

*Adquira por Esc. 15\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido*



BAUME BENGUE

O ANALGÉSICO DAS DORES

PALAVRAS CRUZADAS

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3

Por Francisco da Conceição Santos
(Nazaré)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: I — Espécie de sapo; conjunção. II — Observar atentamente; o santo a que é dedicada uma igreja. III — Célebre; embarcações pequenas. IV — Afias; misturo (fam.). V — Rio que nasce nos Urales e banha Oremburgo; corda ou correia com que se prende a besta ao veículo. VI — Rio que entra na Bélgica junto de Givet e banha Dinant, Namur e Liege; guarneces de assas. VII — Capa de irmandade (pl.); extingue. VIII — Amplo; de viva voz. IX — Lavram; mortifica (fig.). X — Instrumentos de lavar a terra; purificava (fig.). XI — Curara; querias bem. XII — Fatigai; espancam (pop.). XIII — stalajadeira; argola.

VERTICAIS: 1 — Artigo; palmeira. 2 — Cidade do Algarve; permaneces. 3 — Leitões de dormir; uniram. 4 — Afia; fizera a soma. 5 — Grupo circular de ilhas baixas de coral, como as que se vêem nas Maldivas; tempo assinalado. 6 — Medida de sécos (ant.); suplicam. 7 — Bols bravos; vestimenta de mulher. 8 — Cacete (pop.); caixa de fôfo. 9 — Cultivam; divindade da fábula. 10 — Sara; receptáculo. 11 — Simpantizam; habitava. 12 — Areal coberto de vegetação nos desertos; agricultavam; 13 — Transforma em soro; dificuldades (fig.). 14 — Artigo; fileira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2

(Concurso)

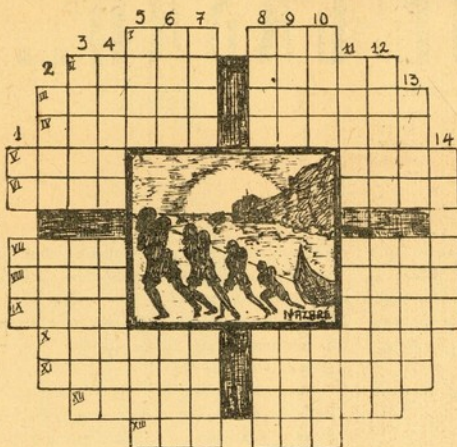
HORIZONTAIS: 1 — Ásia; Brasil. 2 — Riscarem; ai. 3 — Es; eramos. 4 — Atados; lelo. 5 — Eras; rapa. 6 — Ames; ceda. 7 — Lás; caporal. 8 — Astéria; ave. 9 — Agarraria. 10 — Ou; us; aliar. 11 — Sita; areara.

VERTICAIS: 1 — Área; alados. 2 — Sistemas; ui. 3 — Is; aresta. 4 — Acedas; éguas. 5 — Aros; crás. 6 — Brás; cair. 7 — Rem; reparar. 8 — Amolado; ale. 9 — Separaria. 10 — Ia; la; aviar. 11 — Lino; oleara.

Cabelos cheios de sol



«LAVOLAN-HUILLES», em cinco minutos apenas, transforma a sua cabeça. Os cabelos tornam-se brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L., Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D. — Telefone 4 3582.



DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
(Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

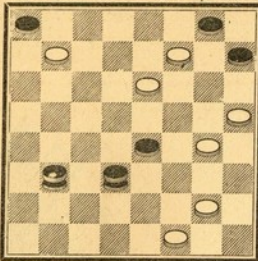
COMPOSIÇÃO N.º 35

(Problema)

«La Provincia», 25/1/45
Las Palmas — Espanha

Lema: «F.A.S.» IV

Pretas: 2 «damas» e 4 «pedras».



Branças: 7 «pedras».

Mate em 10 jogadas.

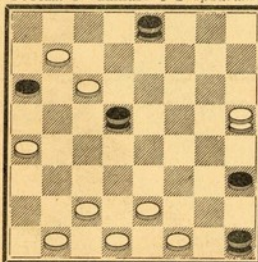
COMPOSIÇÃO N.º 36

(Problema)

«La Provincia», 25/1/45
Las Palmas — Espanha

Lema: «Lusitano II»

Pretas: 3 «damas» e 2 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 8 «pedras».

Mate em 5 jogadas.

Comprovação:

Branças: «Damas» em 17 e «pedras» em 2, 3, 4, 6, 7, 16, 23 e 28.

Pretas: «Damas» em 1, 19 e 30 e «pedras» em 9 e 24.

PASSATEMPO

marcação de pontos, quer a favor do desistente, quer a favor dos adversários com quem já tenha realizado jogos.

VII

A pontuação será a seguinte:

Uma vitória..... 2 pontos
Um empate..... 1 ponto
Uma derrota..... 0 pontos

VIII

Será vencedor de cada série o concorrente que totalize maior número de pontos, no total de jogos, e passará à eliminatória seguinte.

IX

No caso de ficarem empatados 2, 3 ou 4 concorrentes em primeiro lugar, esses passarão todos à eliminatória seguinte.

X

Cada concorrente terá o prazo de dois dias para reflexão do lance a executar, a contar da data em que receber o postal ou carta do seu adversário.

XI

Quando um concorrente note demora de qualquer adversário, enviar-lhe-á novo postal com os últimos lances enviados e a data em que já os enviou, notificando-lhe a demora. No caso de não obter resposta, enviará ao Director do Torneio a sua participação com cópia dos jogos que estiver a disputar com esse adversário até à altura em que ele lhe deixou de responder. O jogador notificado da demora pode, querendo e julgando-se com esse direito, enviar a sua contestação no mais curto prazo de tempo ao Director do Torneio.

XII

Os prémios a distribuir para este Torneio vão constar de uma lista brevemente a publicar.

XIII

O júri do Campeonato composto pelos srs. capitão Evaristo António Borges, do Porto, Carlos da Luz, Pimenta de Sousa, de Lisboa, e Orlando Augusto Lopes, da Chamusca. É director do Torneio o sr. Augusto Teixeira Marques.

XIV

Qualquer caso não previsto neste regulamento, será resolvido pelo júri, de cujas decisões unânimes não há apelação.

OVAR

NOTICIÁRIO

Está em organização um grupo local para a prática do xadrez e «damas». A ideia foi bem acolhida pelos confrades locais, e constituiu-se a comissão organizadora, composta pelos xadrezistas «damistas» Dr. João Pais, Dr. José Carvalho da Silva e António Lopes, para a materializar. A sua missão, facilitada quer pelo ambiente local, quer pelo apoio dado pela Câmara Municipal, generoso e carinhoso, deve vingar.

Mas não se quietam por aqui as suas aspirações.

É incompreensível que em Portugal, onde há centenas de praticantes da modalidade, a sua actividade se limite aos problemas, disputa de jogos entre confrades dos vários núcleos regionais e a um ou outro torneio por correspondência que a generosidade de alguns jornais nos oferece por intermédio das suas secções.

É pouco. Muito pouco! Podemos e devemos fazer algo mais pelo nosso desporto.

Assim, esta Comissão lança a ideia da criação duma Federação Portuguesa de «Damas», e cria para já um programa mínimo:

Incentivar à criação de agrupamentos regionais.

Criar as condições para a disputa do Campeonato de Portugal.

Têm a palavra os «damistas» portugueses. Toda a correspondência em apoio desta ideia deve ser dirigida a António Lopes, Ribas, Ovar.

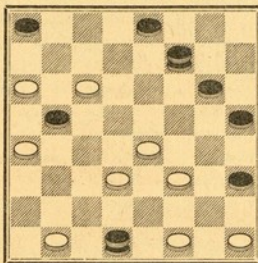
CORRESPONDENCIA

Alfoje (Porto) — A sua solução do problema n.º 1 está certa. Agradeço que me envie nome e morada. Anibal de Magalhães Júnior (Lisboa) — Os seus reparos foram justos. Só a carta é que devia ter sido dirigida directamente a mim.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 8

Por Vitorino Dias Aldô
(Griló — Vila Nova de Gaia)



Jogam as brancas e ganham.

Nota — O autor dedica o presente problema aos seus amigos, irmãos Gomes, da Banda da Guarda Nacional Republicana, de Lisboa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

18-7	27-31 (D)	31-23	23-30
9-4	25-18	30-21	32-23
30-25 ganham.			

P.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4

6-11	11-15	15-19
3-16-23	17-10	23-14
4-21-30-23-32 ganham.		

P.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5

14-18	7-12	6-10
13-8	8-5 ou 1	1-14-7
4-21-30-23-32 ganham		

P.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6

17-21	1-5	2-26
26-17	20-6	30-21
5-9	9-31	ganham
4-18 P.		

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7

18-27	25-11	11-24	24-12
9-29	31-22	16-7	29-25
12-29	4-7	29-25	ganham.
25-14 14-4 P.			

REGULAMENTO DO CAMPEONATO NACIONAL POR CORRESPONDENCIA, DE 1945

(Continuação)

VI

A desistência acarreta a eliminação pura e simples do concorrente, ficando por isso sem efeito toda a

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

TENS DE CASAR...

Conto de Antunes da Silva

ERAM dez da noite. Por muito que pensasse, Afonso ficava preso à mesma alucinação. Todo o dia esperando a notícia. A última notícia de seus pais avisando-o severamente para o cumprimento do dever conjugal.

Duas, três, cinco horas. As seis recebera o telegrama:

«Tens de casar»...

A primeira leitura deu-lhe vontade de devolver o papel à central telegráfica. Mas teve escrúpulos. Depois, mais sereno, pensou:

«Os tempos de agora iam assim. Tudo de interesses, tudo em oportunidades».

«Tens de casar!...». Davam-lhe ordens como se fosse um vencido que esperasse a benevolência dum tirano.

Ele sôzinho, no meio do temporal. Não podia acreditar na enorme comédia que lhe faziam. No emprêgo, o canalha do Rui aproveitando-se da inferioridade da sua posição de subordinado, inventara os artificios duma culpa. Era reles. Mas era assim. Os tempos iam maus, com homens que compravam razões com o dinheiro das vaidades e o silêncio dos crimes. Quando fôra miliciano, gostara daquela vida. Alvoradas, formaturas, uma certa camaradagem, a Pátria como símbolo dum pensamento, a disciplina como estímulo duma conduta. Mas ali, no armazém, buh! O Rui queria fazer disciplina à custa do seu passado repleto de sangrentas nódoas morais enganando a boa-fé das autoridades a açambarcar sabão. O Velez, agarrado aos praticantes mais novos em brincadeiras de mau gôsto; o Teigão denunciando cobardemente colegas para subir de pósto, e o Bastos fazendo pau de dois bicos com quem adregasse.

Caramba! Já era azar. A melhor vida, mesmo assim, era a que levava à noite, ao pé da braseira ouvindo as pilhérias do Bernardino, ou na sociedade recreativa ouvindo a B.B.C..

«Tens de casar!». Os pais a julgarem que êle era algum menino. Gostava da rapariga, queria-lhe como na verdade se quere a uma namorada, mas não lhe dissessem com segurança: «faz isto!».

Não bastavam as diárias arrelias do armazém? A má fé do Rui, as manias do Velez, o cinismo do Teigão e do Bastos? Ele, Afonso, fôra obediente e respeitador. Sempre amara os pais como se amam dois corações que amparam uma cabeça sem experiência. Ele queria comprar uma estante para os livros, um guarda-vestidos, umas rendas para as janelas da casa onde calhasse morar.

Não era, portanto, com a rapidez dum mês ou dois que tudo isso se comprava. Mas vá. Descontando os prós e os contras, os pais viam bom partido naquele namôro e exigiam o casamento nas linhas austeras do telegrama: «tens de casar!».

Que lembrança! Ele estava disposto a tudo desde que lhe dessem tempo de organizar a sua vida. A Matilde era um amor de mulher. Quisera até mesmo pedir ao padrinho da África para lhe arranjar um emprêgo nas fazendas dum inglês. Era bonita, inteligente, senhora da sua casa. Ele, Afonso, gostava dela, queria-lhe imenso, ansiava pelo dia venturoso em que pudessem dizer um ao outro à pergunta sacramental do padre: «é de sua livre vontade receber como sua legítima esposa Matilde de Vasconcelos?...» — Sim! — e sorrir para o altar como herói para medalha.

Mas a vida? O equilíbrio nas finanças, a certeza no emprêgo, as fúrias deshonestas do Rui, os desejos traiçoeiros do Velez?

Mandara dizer aos pais em carta: «...que daí a um ano esperava fazer-lhes o gôsto humano de se casar»...

Mas os pais não percebiam a angústia da sua cisma. Agarrados à exigência teimosa do telegrama, repetiram a surpresa anunciadora:

«Tens de casar!»

Afonso nêsse dia nem jantou. Era demais. Eles não viam, não percebiam que não podia ser? Para onde se voltasse a suplicar o socorro duma idéa, a compaixão dum sorriso, a virtude duma simpatia, era o mesmo que bramir em deserto fechado.

Matilde atendia-o dócilmente, com ternura, mas sem atingir todo o fundo da sua inquietude. Os pais ajuizavam: «tens que agradar, a vida não está para murmúrios».

Santa ignorância. Eram certas as palavras. Mas, também, o espírito dos homens que se convençam da honestidade dos

seus sistemas, não se vende nem morre com as contrariedades que se revelam e os apupos que se afirmam.

Não casava porque bem sabia o enorme rancor que o Rui nutria por si. O Rui, vistas as coisas, era um carrasco, dono duma vaidade doentia e infecunda — homem velho com fantasias a esperto, e comprazia-se, portanto, a tôdas as ilegalidades. Dum dia para o outro podia dizer-lhe, com uma ruga de vitória a bailar-lhe nas faces: «Vá p'rá rua, seu Afonso, não temos nada que lhe dar a fazer!...».

Mas nem de propósito. Na outra semana, fazia frio, morriam passarinhos no campo e homens nas travessas, recebera uma carta assinada pelo vizinho Olegário:

«...cumpro, portanto, o doloroso dever de lhe dar a nota do infausto acontecimento...»

Não lera o resto naquele minuto trágico.

«Tens de casar...»

O apêlo de duas almas murchas para um caminho deserto...

«Tens de casar...»

Que tortura. Não quisera ler mais. Pedira dispensa no armazém, corraera ao prédio da namorada para decidir: «Amanhã casamos!».

Os pais morreram envenenados pelo cheiro do carvão duma braseira. E no próprio dia do casamento, na mesma hora em que orava mentalmente uma prece à vida e aos homens, ao obedecer mais uma vez à vontade dos finados, o senhor Rui chamara-o ao gabinete e dissera-lhe, com uma prega de triunfo junto ao ôlho direito:

— «Sabe que está despedido, não temos nada que lhe dar que fazer?...»



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844
Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27